



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB**  
**PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**LUIZ ALBERTO DE SOUSA JUNIOR**  
**JOÃO HENRIQUE ANDRADE**

**A (RE)CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES EM GRUPOS DE HOMENS  
NO DISTRITO FEDERAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE  
A PSICANÁLISE E AS CIÊNCIAS SOCIAIS**

**BRASÍLIA**  
**2020**



**LUIZ ALBERTO DE SOUSA JUNIOR**  
**JOÃO HENRIQUE ANDRADE**

**A (RE)CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES EM GRUPOS DE HOMENS  
NO DISTRITO FEDERAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO DIÁLOGO ENTRE  
A PSICANÁLISE E AS CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Relatório final de pesquisa de Iniciação  
Científica apresentado à Assessoria de  
Pós-Graduação e Pesquisa  
Orientação: Prof. Dr. Lucas Alves  
Amaral**

**BRASÍLIA**  
**2020**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos, em primeiro lugar, ao Professor Lucas Alves Amaral por todo incentivo, encorajamento e disposição para construir essa pesquisa. Em segundo lugar, agradecemos a coordenação e toda equipe de professores do curso de Psicologia do Uniceub por gerar um ambiente estimulante e propício para a prática científica. Agradecemos, ainda, a toda equipe da Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pelo suporte e orientação constante em todos os momentos de elaboração da pesquisa.

Agradecemos, por fim, aos entrevistados da pesquisa, que gentilmente doaram seu tempo e compartilharam suas vivências e percepções sobre sua identidade masculina e trabalho com grupos terapêuticos e temáticos de homens.

## RESUMO

Ao constatarmos empiricamente a grande incidência de grupos de homens, principalmente, os perfis de grupos terapêuticos e temáticos atualmente no Brasil, propusemo-nos a identificar e compreender, a partir da interface entre Ciências Sociais e Psicanálise, as práticas desses tipos de grupos de homens em Brasília (DF) no que tange a resignificação da masculinidade hegemônica. Neste sentido, buscamos entender formatos e metodologias produzidas nos grupos pesquisados, bem como suas origens e impactos na vida dos participantes. Analisamos, ainda, como os participantes de grupos de homens em Brasília (DF) percebem o sofrimento psíquico masculino gerado pela masculinidade hegemônica em sua biografia, e como os homens coordenadores e participantes desses grupos percebem suas performances masculinas. Em termos metodológicos, pesquisa, de tipo qualitativa, foi realizada por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com sete homens participantes e coordenadores de grupos de homens terapêuticos e temáticos em Brasília (DF) há pelo menos um ano. Concluímos analisando os atravessamentos da masculinidade hegemônica na vida dos homens e a busca por transformações como sujeito; o funcionamento dos grupos de homens; e a possível transformação provocada pelos grupos. Os resultados do estudo indicaram limites e possibilidades de resignificação de masculinidades no contexto dos grupos de homens. Consideramos importante afirmar que os grupos de homens terapêuticos e temáticos constroem possibilidades de resignificação de processos pessoais que envolvem o cuidado de si e a construção de performances masculinas alternativas ao modelo hegemônico de masculinidade contemporânea. Uma importante ponderação a ser feita em relação a experiência de homens em grupos de homens terapêutico e temáticos, no entanto, diz respeito a ausência, em alguns grupos, de debates críticos sobre temas sensíveis sobre masculinidades e em alta na esfera pública contemporânea, tais como o machismo e seus efeitos homofóbicos, sexistas e transfóbicos e a violência contra as mulheres.

**Palavras-Chave: Grupo de homens, masculinidades, masculinidade hegemônica, machismo, Ciências Sociais, Psicanálise**

## **SUMÁRIO**

INTRODUÇÃO	06
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
MÉTODO	27
RESULTADOS E DISCUSSÃO	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	60

## INTRODUÇÃO

O título desta pesquisa evoca a temática da "(re)construção das masculinidades". Portanto, para início de debate, queremos situar o que entendemos por masculinidades e qual a relevância de se pensar a temática da sua construção ou reconstrução. Segundo Almeida (2005) o termo "masculinidades" delimita os significados culturais da "pessoa" associados historicamente aos homens, mas que extrapolam a sua aplicabilidade a vários sujeitos sociais e áreas da interação humana. Desta forma, o termo se refere a um conjunto de ideais, de valores e de práticas culturalmente construídas que se referem aos homens e o que se considera social e culturalmente masculino, e que são reforçadas pelas instituições no decorrer do tempo.

Segundo Kimmel (1998), as masculinidades, além de serem historicamente construídas, variam de cultura para cultura; mudam no tempo; são dinâmicas e entrecruzadas com outras dimensões culturais relevantes, tais como as relações raciais; bem como variam no decorrer na vida dos sujeitos. Mesmo diante de tamanha variabilidade, em cada cultura e tempo histórico, alguns atributos culturais tornam-se mais praticados e reproduzidos em relação a outros constituindo um caráter de norma. Assim, determinados modos de ser, agir, pensar no âmbito das masculinidades se tornam hegemônicos e, em compensação, outros modos que se tornam subalternos em relação aqueles. Há uma relação de poder desigual entre a norma que se torna a masculinidade hegemônica e as variações das masculinidades que não são assumidas como norma, as masculinidades subalternas (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013).

Entre as muitas facetas da masculinidade hegemônica no mundo ocidental contemporâneo, dentro do qual estamos inseridos, Zanello (2018) ajuda-nos a perceber alguns traços culturais importantes a partir do que chama de dispositivo da eficácia. O dispositivo da eficácia se manifesta, principalmente, no campo laborativo e no âmbito sexual na vida dos homens e ou em relação aquilo ou aqueles que se espera performances masculinas. O dispositivo da eficácia é, portanto, colocado como uma meta social masculina. A eficácia laborativa se traduz em alcançar bons resultados econômicos, ser reconhecido por isso, prover, alcançar os melhores desempenhos, viver em função do trabalho, dando maior ênfase ao labor do que a outras esferas da vida, o que é muito reforçado num sistema capitalista de produção que estrutura uma verdadeira "sociedade da performance" (EHRENBERG, 2010). A eficácia sexual, por sua vez, expressa-se na expressão da dominação sexual principalmente ligada às mulheres, mas, também, na

afirmação e formação do homem considerado "viril" em função do seu comportamento sexual ativo, que enxerga seu corpo a partir do pênis em ereção e dos músculos, bem como da sua capacidade de conquistar e desfrutar sexualmente de várias/os parceiras/os.

Zanello (2018) nos apresenta quatro âmbitos em que atua a masculinidade hegemônica e suas possíveis incidências: i) no mundo social: através de violências sexistas, homofóbicas e transfóbicas, bem como em relação ao ambiente natural por meio de uma lógica produtiva e utilitarista ii) contra si mesmo: na performance de controle da manifestação dos seus sentimentos e recusa viril de si mesmo nas condutas masculinas; iii) contra as mulheres: que são consideradas inferiores aos homens e passíveis de serem objeto de usufruto; e iv) contra outros homens: na conduta de subjugação dos homens considerados inferiores, a partir dos parâmetros ditados pela masculinidade hegemônica: heterossexualidade, identidade racial branca, condição socioeconômica privilegiada, etc.

Considerando-se esta breve introdução, alguns indicadores sociais são apontados como consequências ou resultados das performances de homens ancoradas no modelo cultural de masculinidade hegemônica em vigência em nossa sociedade nos dias de hoje.

No Brasil, homens morrem dez vezes mais do que mulheres em decorrência de violências diversas (IPEA, 2017). Em sua maioria, trata-se de homens jovens (entre 15 a 19 anos) e negros, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2017). Em decorrência da associação de violências diversas à masculinidade hegemônica, homens são o público que enfrenta maior mortalidade por causas externas, principalmente, por agressões e homicídios, tendo 13,3 homens morrido por essa causa a cada uma mulher no país no ano de 2017.

Além disso, segundo Zanello (2018), no Brasil temos um acesso insuficiente à saúde em geral, sendo essa insuficiência maior entre homens. Uma das hipóteses desse acesso insuficiente ancora-se na incorporação de performances hegemônicas que desassocia masculinidade a autocuidado dado que homens morrem muito mais do que mulheres em decorrência de acidentes e doenças evitáveis diversas, problemas estomacais, cardíacos e pulmonares. No que tange à saúde mental, especificamente, os homens são os que mais cometem suicídio no mundo todo em comparação as mulheres. No Brasil, os indicadores apontam que homens se matam cerca de quatro vezes mais do que as mulheres (WHO, 2018).

Além de morrerem mais, homens são aqueles que mais matam e cometem violências. Em pesquisa que analisa dados de violência doméstica no mundo todo no período de 1990 a 2011, temos que a proporção de homicídios femininos cometidos por

parceiros íntimos é de 6 por 1. Somado a isso, temos que 30% das mulheres do mundo indicam já terem sofrido violência física ou sexual por um parceiro íntimo masculino (STÖCKL, H et al, 2013). De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), durante a pandemia da Covid-19 e as políticas de isolamento social, presenciamos um aumento de 46% na taxa de feminicídios. Considera-se uma epidemia dentro da pandemia, dado que esse indicador já é alto no país. Segundo o Atlas da Violência de 2019 (IPEA; FBSP, 2019), no Brasil ocorrem 13 feminicídios por dia. Em 2017 foram 4.936 mulheres mortas, o maior número registrado desde 2007.

Dito isso, alguns estudos contemporâneos no âmbito das Ciências Sociais e Psicologia buscam compreender como a masculinidade hegemônica pode ser transformada (JANUÁRIO, 2016; WANG, 2006). Encontra-se na literatura atual sobre o tema diversos estudos sobre políticas de saúde, com reflexões sobre estratégias de enfrentamento aos problemas de saúde mental masculinos, estudos sobre o combate à violência doméstica, entre outros. Nosso estudo, considerando-se as tendências culturais e os impactos da masculinidade hegemônica, busca, portanto, refletir sobre a construção e reconstrução de masculinidades no âmbito de iniciativas de grupos de homens que são desenvolvidas no mundo.

O que entendemos por grupos de homens? A partir de uma extensa revisão da literatura, encontramos pelo menos cinco tipos de iniciativas de grupos de (ou sobre) homens com o propósito de repensar ou reconstruir masculinidades. Partimos do pressuposto que este propósito é um elemento central na delimitação conceitual de "grupo de homens" em comparação a todo e qualquer grupo informal.

Para facilitar a nossa compreensão, propomos uma tipologia<sup>1</sup> de grupos de homens, considerando a sua finalidade coletiva. A definição de grupo de homens envolve a reunião de um grupo de pessoas que se autodenominam homens, exclusiva para homens ou mista, em conjunção com pessoas que se autodenominam mulheres. A finalidade do grupo, ao nosso ver, pode ser *terapêutica* (com vistas ao autocuidado pessoal dos participantes e integração coletiva); *acadêmica* (com finalidade de estudos sobre homens e masculinidades); *reflexiva* (especificamente voltada para transformação de práticas violentas por parte de homens autores de violências); *política* (voltada a ações com

---

<sup>1</sup> Inspiramo-nos na tradição sociológica compreensiva weberiana na construção de uma tipologia de grupos de homens. "O tipo ideal é obtido mediante o conjunto de vários fenômenos analisados de forma macro, que, a fim de melhor compreensão do observador o reduz ao micro para poder extrair da sua observação o maior conjunto possível de verdades, tendo a clareza da sua instabilidade" (SCHÜTZ; JUNIOR, 2018: pp.141).



finalidade de mudança nas instituições formais e informais da sociedade); *temática* (com finalidade específica de tratar de um assunto partilhado nas vivências masculinas, tal como, por exemplo, a paternidade).

Partimos do pressuposto que uma tipologia não esgota os entrecruzamentos práticos das finalidades na dinâmica interativa entre os atores. No entanto, acreditamos ser operativa tal tipologia proposta com vistas a possibilidade de alocarmos os entrevistados desta pesquisa, todos coordenadores e participantes de grupos de homens, em termos de qual finalidade seus grupos estavam prioritariamente envolvidos. Temos, portanto, cinco tipos de grupos de homens propostos aqui em termos de sua finalidade<sup>2</sup>.

1. os grupos terapêuticos (mitopoéticos);
2. os grupos acadêmicos;
3. os grupos reflexivos;
4. os grupos de orientação política;
5. os grupos temáticos.

Acerca do primeiro tipo de grupo, os grupos terapêuticos, segundo Zanello (2018), temos o seu surgimento entre as décadas de 1970 e 1980. Dentre esses, que a autora intitula de grupos mitopoéticos ou New Age (Nova Era). No mundo estes grupos foram e são variados. Destacam-se, historicamente, os grupos influenciados por Craig Gibsone<sup>3</sup> e Robert Bly<sup>4</sup>. No Brasil, destacam-se alguns grupos de orientação terapêutica, tal como o Guerreiros do Coração, fundado em 1993 em Porto Alegre pelo psiquiatra Mauro Pozatti e o Clã Lobos do Cerrado surgiram na década na 1990 (Papo de Homem, Acesso em 10 Setembro de 2020). Suárez e Arroyave (2009), que escrevem a partir de suas experiências na Colômbia, apontam a presença dessas experiências de grupos por toda a América Latina e apostam na organização destes como ferramentas de construção do que chamam de “novas masculinidades”. Fiuza (2019), em pesquisa recente sobre grupos de

---

<sup>2</sup> Além da finalidade, acreditamos ser importante entender o formato de encontro (se presencial e ou virtual), bem como a metodologia do grupo (como funcionam os encontros, por meio de quais interações e mediações), temas que aprofundamos em nossa análise de resultados e discussão.

<sup>3</sup> O australiano realizava na Escócia, na comunidade de Findhorn, grupos terapêuticos exclusivos para homens usando a técnica da respiração holotrópica em vivências seguidas de rodas de conversa.

<sup>4</sup> Autor do livro *Homem de Ferro*, que se tornou mundialmente conhecido, Bly influenciou e ainda influencia inúmeros grupos terapêuticos de homens a praticar vivências simbólicas de resgate do que chamam de um “homem natural”.

homens no Distrito Federal, aponta que alguns grupos de orientação terapêutica tendem a valorizar o autocuidado, a camaradagem construtiva e o rompimento com práticas adoecedoras oriundas da masculinidade hegemônica, se organizando em torno de práticas corporais e reflexivas.

Os grupos acadêmicos são, em sua maioria, grupos mistos e liderados por mulheres pesquisadoras feministas. Os estudos sobre masculinidades surgiram no campo das ciências sociais e humanas entre os anos 1960 e 1970, com o advento da segunda onda do feminismo. Esses estudos, em sua maioria, denunciavam a revisão dos papéis sexuais, a opressão feminina e a dominação masculina (JANUÁRIO, 2016). Nos dias de hoje os estudos sobre masculinidades ganham novos contornos, abordando questões da fragmentação das identidades contemporâneas, bem como entendendo múltiplos impactos do machismo na vida de toda sociedade, inclusive, na vida dos homens. Atualmente, identificamos poucos grupos acadêmicos voltados, especificamente, ao estudo de homens e masculinidades no Brasil.

Os grupos reflexivos, voltados para homens autores de violência, segundo Beiras (2019), por sua vez, surgiram como formas de estratégias de prevenção a violência doméstica no fim dos anos 1970 nos Estados Unidos e na Europa. Nos anos 1990 e 2000, temos uma proliferação de estudos sobre homens e masculinidades, com o aumento de reflexões sobre violência doméstica e gênero apontando a necessidade de trabalhos psicoeducativos voltados diretamente aos homens, e não somente focados nos impactos das violências na vida das mulheres.

De acordo com Beiras (2019), as Conferências das Nações Unidas de Cairo, em 1992 e Beijing, em 1995, apontaram a importância do fomento a ações de enfrentamento e prevenção à violência doméstica através de iniciativas educativas por meio de grupos reflexivos para jovens e adultos autores de violência. Desde então, no mundo todo, ações da sociedade civil e do Estado voltados a grupos reflexivos para homens autores de violência aumentam. No Brasil, com o advento da Lei Maria da Penha, N.11340/2006, os grupos reflexivos para autores de violência tornaram-se numerosos, mesmo em caráter não obrigatório. Tais grupos funcionam por procura espontânea ou encaminhamento dos Juizados Especiais Criminais, Centrais de Penas e Medidas Alternativas. Em 2019, o artigo 22 da referida lei, tornou obrigatória a participação de homens autuados pela lei em grupos reflexivos para homens autores de violência. Segundo levantamento recente, existem atualmente 311 iniciativas de grupos reflexivos para homens autores violência doméstica no Brasil (TJSC, 19 de Out. 2020, Acesso em: 20 de Out. 2020).

O quarto tipo de grupos são os grupos de orientação política. Nos EUA o Movimento de Libertação Masculina (*The Male Liberation Movement*) surgiu na década de 1970 com engajamento pelas questões feministas, tendo sido, no entanto, cindido entre duas tendências em pouco tempo de existência. Por um lado, surgiu uma vertente conservadora, com pautas antifeministas e com agenda pelos "direitos do homem". Essa vertente ganha existência hoje em movimentos como o *Men's Right Advocacy*, *Men's Right Movement* ou mesmo em movimentos do resgate da virilidade patriarcal ou em luta dos direitos masculinos na América Latina. Wang (2006) fala, inclusive, de grupos que se auto-intitulam "masculinistas" ou "masculistas", ancorando-se, mas se contrapondo, aos feminismos. Por outro lado, o Movimento de Libertação Masculina ganhou e ganha cada vez mais adeptos alinhados a uma política pró-feminista na luta por igualdade entre homens e mulheres e contra o patriarcado. Campanhas contemporâneas como "Eles por Elas" ou "Eles Votam Nelas" alinham-se a esta proposta (FIUZA, 2018), embora não necessariamente envolvam encontros presenciais ou virtuais em grupo.

O quinto tipo de grupo, os grupos temáticos, são de variados formatos, mas apresentam finalidades específicas: lidar com um tema comum na vida dos participantes. Em geral, funcionam como grupos que incentivam rodas de conversa entre homens que dialogam sobre temas, tal como a paternidade, as masculinidades negras, o luto masculino, a saúde sexual masculina, a homossexualidade masculina, entre outros. Segundo nossos entrevistados, assim como os grupos terapêuticos, os grupos temáticos, atualmente os grupos temáticos tem sido bastante difundidos no Brasil.

A breve tipologia proposta não pretende esgotar a classificação de grupos de homens, mas busca demonstrar sua variedade de finalidades.

Dito isso, ao constatar empiricamente a grande incidência de grupos de homens, principalmente, os perfis de grupos terapêuticos e temáticos atualmente no Brasil, propusemo-nos a identificar e compreender as práticas desses tipos de grupos de homens em Brasília (DF) no que tange a ressignificação da masculinidade hegemônica.

Neste sentido, buscamos entender formatos e metodologias produzidas nos grupos pesquisados, bem como suas origens e impactos na vida dos participantes. Analisamos, ainda, como os participantes de grupos de homens em Brasília (DF) percebem o sofrimento psíquico masculino gerado pela masculinidade hegemônica em sua biografia, e como os homens coordenadores e participantes desses grupos percebem suas performances masculinas.

A pesquisa a qual este relatório apresenta os resultados e discussão é uma pesquisa de tipo qualitativa, e ocorreu por meio da realização de entrevistas semiestruturadas com sete homens coordenadores de grupos de homens terapêuticos e temáticos em Brasília (DF). As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2019 e janeiro de 2020. O perfil dos entrevistados se organizou pelo critério de que todos se definem como homens, são adultos acima de 18 anos, são coordenadores de grupo de homens terapêuticos ou temáticos em Brasília (DF) há pelo menos um ano.

As análises aqui realizadas se dão nas interfaces entre Ciências Sociais e Psicanálise. Após a realização de revisão bibliográfica extensa, realização das entrevistas, e durante o processo de análise das entrevistas, o uso de literatura psicanalítica surgiu como resposta a uma necessidade analítica que o pensamento antropológico e social originalmente proposto não alcançaria sozinho, fornecendo novas perspectivas e enriquecendo a discussão das informações analisadas.

Este relatório de pesquisa se organiza do seguinte modo. Além desta Introdução, realizamos uma Fundamentação Teórica, ancorada em revisão da literatura contemporânea sobre gênero e masculinidades, bem como apresentando conceitos e reflexões frutíferas para nossa análise. Posteriormente, na seção Método, apresentamos como realizamos metodologicamente a pesquisa. Por fim, na seção Resultados e Discussão, apresentamos nossa análise de conteúdo a partir de três categorias construídas: I. Atravessamentos da masculinidade hegemônica na vida dos homens participantes de grupos de homens e a busca por transformações como sujeito; II. Os grupos de homens: trajetórias dos participantes e modos de funcionamento; III. Entre a masculinidade hegemônica e uma possível transformação em curso.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### I. GÊNERO E MASCULINIDADES: FANTASIAS E PERFORMANCES

Os estudos de gênero discutem as formas de ordenamento social que estabelecem regulações sobre as pessoas, em razão de suas concepções simbólicas e estruturais sobre o sexo e a subjetividade do desejo (comumente chamada de orientação sexual). Assim, em geral, os estudos de gênero discutem a construção de masculinidades e feminilidades e as relações entre elas na ação das pessoas. Esses estudos partem do pressuposto de que todas as nossas construções culturais, passando da língua ao sexo, são “generificadas” (BUTLER, 2012)

É importante saber que a categoria “gênero” ganha visibilidade e status teórico através dos movimentos feministas para fazer visível a situação do sistema patriarcal (SUAREZ; ARROYAVE, 2009). Dessa forma, é a partir da categoria “gênero” que se faz possível entendermos porque os homens tendem a incorporar um determinado modelo de masculinidade, como e porque se relacionam a partir desse modelo com mulheres e entre si e por quais meios pode haver construção de performances alternativas aos imperativos do modelo hegemônico .

Em diálogo com a psicanálise, podemos entender o modelo hegemônico de masculinidade contemporânea como uma tentativa de impressão na realidade de modos de ação considerados os mais verdadeiros e corretos para serem exercidos pelos sujeitos autoidentificados como homens, tal como o termo diz um "modelo", portanto, um sistema de significados da ordem da fantasia. “As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas” escreveu Freud ao então amigo Fliess (MASSON, 1985/1986, p.248). Mais de um século depois, a filósofa norte-americana Judith Butler (2010), ao argumentar contra uma noção naturalizante e essencialista de gênero, afirmaria que “o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos “(BUTLER, 2010, P.195). Portanto, gênero é uma categoria que visa dar conta da construção social e cultural dos sujeitos, que busca desmontar naturalizações de papéis esperados em relação a natureza sexuada dos corpos (PISCITELLI, 2009). Assim, toda e qualquer representação que vise essencializar o gênero de um sujeito, empregando papéis fixos para sujeitos complexos, pode ser considerada um discurso da ordem da fantasia. Assim, embora os discursos sobre papéis fixos e rígidos sobre homens sejam múltiplos em nossa realidade social, que funcionam

como repertório para ação dos sujeitos dando sentidos para a sua ação, inculca-se aqui uma visão de realidade única que não é da ordem real. Esses papéis fixos funcionam como normas coercitivas causando nos sujeitos sofrimento psíquico pela incapacidade de performá-los em sua integralidade. A demanda do Outro é por demais excessiva. Podemos afirmar, assim, que a masculinidade hegemônica gera fantasias que tem efeitos sociais e psíquicos profundos na subjetividade dos homens que, incessantemente, buscam performá-la alienados de sua impossibilidade.

As fantasias sobre gênero são baseadas em vivências culturais comuns a toda uma sociedade e formadas por subjetivações e rearranjos inconscientes singulares a cada sujeito. Assim, partindo de conteúdo partilhado em uma sociedade, constroem-se fantasias individuais.

A formação desse conteúdo fantasmático é, portanto, singular tanto quanto histórico-social. Singular pois é uma resposta individual que encobre a pergunta sobre o desejo do Outro; histórico-social, pois “a criança, como o adulto, só pode produzir fantasias a partir do material que foi adquirido” (FREUD, 1918,/1980 p.37). Se a fantasia é um arranjo individual e inconsciente de experiências, e se algumas dessas vivências são compartilhadas por indivíduos datados temporal e geograficamente, podemos tentar identificar alguns de seus componentes.

Um exemplo interessante diz respeito ao dispositivo da eficácia em sua dimensão laboral (ZANELLO, 2018). Se homens crescem escutando que devem prover e que o trabalho e posses indica seu sucesso na vida, se enxergam os homens ao seu redor performando este dispositivo, bem como as mulheres concordando e reforçando o imperativo da provisão, o sujeito, possivelmente, poderá incorporar o trabalho como sinônimo de vida e praticar atos e ideias repetidas vezes em função de sua vida se resumir ao trabalho. Esse efeito de fantasia é confundido com sua identidade. O resultado pode ser a neurose.

Dito isso, para nós, falar em “gênero”, portanto, implica em compreender o que Butler (2003) chama de "matriz de inteligibilidade de gênero", uma "gramática prescritiva que institui como natural, normal e inquestionável a ligação linear essencial entre sexo biológico, gênero, desejo sexual e subjetividade" (PISCITELLI, 2009: pp. 140).

A autora propõe dois conceitos correlatos, que consideramos importantes, para nossas análises: a performatividade e performances do gênero.

Segundo Núñez (2020), a performatividade parte do pressuposto que todo e qualquer sujeito é um efeito das tramas de poder que se elaboram nos discursos culturais

historicamente específicos. Nossas subjetividades são, por um lado, corporificadas, mas nosso corpo não é um destino dado pelo sexo biológico. Portanto, os discursos sociais sobre os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres estrutura a performatividade de gênero no âmbito da nossa cultura. A performatividade de gênero estrutura a cultura e se faz nas relações e interações cotidianas através da língua, da entonação, do tom de voz, o que e como se fala, das roupas, cores, texturas, posições corporais, bem como nas mídias e instituições diversas das quais participamos.

As performances de gênero, por sua vez, são atos e ideias dos sujeitos individuais e coletivos que, através da repetição, constroem uma noção das identidades dos sujeitos. As performances se consubstanciam em discursos, ações e relações entre diferentes sujeitos e dos próprios sujeitos para consigo mesmo. Essa repetição é fruto de uma série de coações sociais que obrigam o nosso corpo a traduzir as normais sociais a partir das concepções hegemônicas sobre o gênero que permeiam a performatividade de gênero na cultura (BUTLER, 1990). Dito isso, é possível afirmar que a masculinidade hegemônica se organiza através de produções discursivas que se organizam como mecanismos de controle das performances de homens em nossas sociedades.

Complementando nossa argumentação que busca associar o tema da fantasia com as performances de gênero ancoradas na masculinidade hegemônica, tomemos, como exemplo, as fantasias sobre o gênero feminino em nossa sociedade. Por exemplo, nos discursos da mídia e como representação geral expressa nas famílias, amizades, e outros meios sociais temos fortemente reproduzida a ideia de que mulheres se realizam com sujeitos quando exercem a maternidade (ZANELLO, 2018). As fantasias sobre o que é ser uma "mulher maternal" e, talvez ainda mais relevante, como mulheres devem agir sendo "mulher", "esposa" e "mãe" produzem individual e coletivamente performances de gênero no comportamento de muitas mulheres. Tais performances se materializam e cristalizam a própria ideia de "gênero feminino" ou de "mulher". A ideia que antes era somente fantasmática, virtual como ideia, torna-se, assim, um conjunto de atos reais. A fantasia produz performances e por elas é produzida. Sob essa perspectiva, performances passadas são a matéria-prima das fantasias atuais. Portanto, fantasias e performances, em sua dinâmica de retroalimentação, expõem reciprocamente seus componentes básicos.

Dito isso, nossa interpretação, enfim, é de que os papéis fixos e rígidos divulgados pelo modelo hegemônico de masculinidade são fantasias que se reproduzem através de performances repetidas que reatualizam os discursos histórica e culturalmente específicos sobre o que é ou sobre o que os sujeitos aprendem que deveria ser um homem. No entanto,

é possível romper com a fantasia e assumir performances que subvertam o modelo hegemônico. Chamamos tais performances de masculinidades alternativas.

As performances de masculinidades alternativas não existem em si, pois são fruto de atos e ideias que questionam ou subvertem performatividade de gênero no âmbito da cultura, bem como são alternativas em relação às performances da masculinidade hegemônica. O afeto e cooperação entre homens, a exposição de vulnerabilidades e exercício do cuidado podem ser vistas idealmente como performances alternativas ao modelo hegemônico de masculinidade. No entanto, cabe a nós investigar empiricamente as performances de uma possível masculinidade alternativa.

## **II. MASCULINIDADE HEGEMÔNICA, VIRILIDADE E OS EFEITOS DA "FALHA" MASCULINA**

Antes de avançarmos consideramos importante entendermos como a literatura abordou e aborda os comportamentos masculinos considerados negativos para todos, inclusive, para os próprios homens. A literatura feminista, em sua segunda onda, tradicionalmente abordou o tema a partir da discussão sobre o patriarcado (PISCITELLI, 2009).

Segundo Suarez & Arroyave (2009), o patriarcado é um sistema cultural que se orienta pela noção de superioridade de todos homens em relação a mulheres e de alguns homens sobre outros homens. Esse sistema, segundo os autores, estrutura várias dimensões sociais, tais como os campos político, econômico, jurídico, religioso, acadêmico e erótico. O termo surge da palavra "patriarca", o sujeito que era considerado o "chefe da família", por ser visto como o sujeito do "sexo forte" em sua rede de relações parentais. É possível dizer que o patriarcado, entre várias possíveis origens, tem origens nas tradições judaico-cristãs e grega antigas. Para a primeira tradição o homem foi o primeiro ser humano e o único dotado a dar nome a todos os demais seres. Na segunda, o homem adulto foi visto como o sujeito que governa a família e que tem acesso ao espaço público. Ainda de acordo com Suarez & Arroyave (2009), o patriarcado é um sistema que se impõe sobre todos os sujeitos, homens e mulheres. Dessa forma, é um sistema relacional que se desenrola por meio de relações hierárquicas entre diferentes grupos de homens e entre homens geral e as mulheres.

Partimos do pressuposto de que o patriarcado é o sistema responsável historicamente por construir o modelo de masculinidade hegemônica. Segundo Connel e



Messerschmidt (2013) conceito de “masculinidade hegemônica” é mais frutífero que o de patriarcado para entendermos a complexidade das relações de gênero que envolvem as masculinidades. O conceito foi cunhado na década de 1980 para romper com o pensamento essencialista sobre masculinidade, ou seja, a ideia de que só existe uma e não várias masculinidades plurais em relação, tal como a noção de patriarcado dava a entender. Assim, o conceito de “masculinidade hegemônica” atravessou várias áreas e se inseriu para além do mundo acadêmico e o principal ganho analítico que temos com ele é a proposta de “um modelo de masculinidades em múltiplas relações de poder” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013:242).

A ideia de hegemonia utilizada para definir o conceito de “masculinidade hegemônica” significa que este modelo se impõe a outros modos de ser e agir das masculinidades que se tornam, então, subordinadas a masculinidade hegemônica. O conceito de hegemonia contribui com a noção de estabilização das relações de poder e, embora tenha sido usado por Gramsci para discutir as relações de classe, foi transposto por Connel (1990; 1995) para as relações de gênero.

Dito isso, a masculinidade hegemônica foi definida como “um padrão de práticas (coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013:245).

Segundo Suarez & Arroyave (2009) entre as principais construções simbólicas que estruturam o modelo de masculinidade hegemônica contemporânea temos: a dureza emocional, a força física, a heterossexualidade, o status social, a capacidade produtiva e reprodutiva e condição étnico-racial branca. Outros autores, como tal como Bonomo et al (2008) apontam para características como a virilidade, a lealdade, a probidade, a correção, a bravura, a sobriedade e a perseverança como centrais.

Além dessas características, Zanello & Gomes (2010) nos mostram a íntima relação entre a busca de exercício de poder e status social como definição do “homem bem-sucedido”. Como causas e consequências dessas características temos também o controle, embotamento e dureza emocional na performance de gênero das masculinidades hegemônicas. Esses comportamentos e características são resultado da dissociação da exposição das emoções e vulnerabilidade como um processo orgânico no universo masculino (ZANELLO et al, 2015). Zanello et al (2015) nos chamam a atenção para um determinado “dispositivo de eficácia” que marca as performances de homens pautadas na masculinidade hegemônica, um dispositivo baseado na ideia de realização, construção e

provisão social e muito associado à tomada de decisões em espaços relevantes socialmente (ZANELLO; SILVA, 2012).

Através dessa estrutura discursiva, “estes valores e papéis são tomados como balizas no julgamento de si mesmo e afetam diretamente o narcisismo e a autoestima do sujeito, passando a ser constitutivos dos mesmos” (ZANELLO; SILVA, 2012, p. 268). Nesse sentido, uma das performances masculinas com repercussões mais adoecedoras para homens é a virilidade.

Vigarello (2013) aponta que a ideia de virilidade é sujeita a processos sócio históricos especificamente datados, sendo, dessa forma, um constructo cultural de dada época. Nesse sentido, na Grécia Antiga, o homem não possuía a mesma concepção de virilidade que o homem medieval, que por sua vez era distinta do homem iluminista e assim por diante. A virilidade é, assim, compreendida como conjunto de comportamentos que designam as qualidades ideais de um homem ao longo dos séculos. Tal concepção vai ao encontro do já citado entendimento de Butler (1990, p. 300) sobre o que é tornar-se mulher ou homem: “forçar o corpo a conformar-se com uma ideia histórica”.

Zanello (2015), refletindo sobre a mesma categoria nos dias de hoje, aponta como tal demanda por virilidade pode se desdobrar em duas escalas: a sexual e a laborativa. O padrão hegemônico de masculinidade exige constantemente a mais alta eficiência do homem nesses dois campos: o “homem de verdade” está sempre a procurar ou, no mínimo, disposto a manter relações sexuais; o “homem de verdade” sempre trabalha, produz e provê a sua família. A falha em um desses aspectos fatalmente desencadeará sofrimento psíquico.

Na psicanálise lacaniana, ao nosso ver, a performance viril pode ser vista como um imperativo superegóico que demanda a impossível tarefa de uma virilidade infalível e sempre pronta, sendo, portanto, terreno fértil para contradições e crises. Enfim, é possível afirmar que as performances viris compõe o que chamamos de masculinidade hegemônica historicamente e até os dias de hoje e suas repercussões são negativas socialmente, inclusive, para os próprios homens, pois os imperativos viris, em grande medida, são inalcançáveis em sua plenitude. Portanto, diante do exercício do poder como sujeito e diante da incapacidade de perfumar os modos de ser e agir esperados pelo modelo hegemônico de masculinidade, os homens encontram-se com a falha, que gera frustração e impotência numa sociedade que demanda performances bem-sucedidas. Uma resposta impossível ao desamparo constituinte do eu.

O desamparo é a condição fundante do sujeito para a psicanálise, logo a busca por algo que tampona essa falta é o elemento mobilizador por excelência. A fantasia de uma virilidade infalível pode ser também entendida sob essa perspectiva. Pensando impotência na cadeia de significantes do desamparo, a performance viril funcionaria como esse complemento do sujeito, recuperando uma idealizada e fantasmática situação de amparo original. Por óbvio, tal estado não pode ser alcançado, o que lança o sujeito numa infundável e inútil busca desse objeto a, posição que, em nossa argumentação, situamos a qualidade viril absoluta.

### **III. MASCULINIDADES PLURAIS: SUBORDINAÇÃO E AMBIVALÊNCIAS**

As relações desiguais entre homens e mulheres e entre homens entre si tomam formas de entrecruzamentos e subordinações num jogo de identidades (HALL, 2006). Ou seja, não existe um único modelo hegemônico de identidade masculina, mas sobreposições entre identidades sociais diversas e posicionamentos culturais. Dessa forma, assim como nos aponta Hall (2006) outras categorias sociais se entrecruzam. As posições de homens em relação a mulheres e de homens em relação a outros homens, tais como as distinções geracionais, de classe social, de nível educacional, de procedência cultural, de origem étnico-racial e orientação afetiva-erótica tornam-se posições entrecruzadas num complexo jogo de hierarquias e posições. Nesse sentido, de acordo com Suárez e Arroyave (2009) é importante identificarmos o conjunto de “masculinidades subordinadas”, sistemas simbólicos e performances de gênero masculinas que são marginais e alternativas ao modelo hegemônico de masculinidade.

As masculinidades subordinadas são variadas. Incluem-se nelas homens que contrariam os mandatos heterossexuais, como os homens gays, bissexuais e transgêneros. Além disso, incluem-se aí homens que não concordam e não atuam as performances de agressividade e controle afetivo, sendo considerados “homens sensíveis”. Homens em desvantagem de poder em relação ao modelo dominante, tais como meninos, adolescentes, idosos e doentes. Além disso, incluem-se entre os homens que assumem masculinidades subordinadas negros, indígenas, desempregados e pacifistas, segundo Suarez e Arroyave (2009). Para os autores, no entanto, as masculinidades subordinadas não são alternativas ao modelo hegemônico automaticamente, pois podem representar um modelo hegemônico entre si. Dessa forma, é possível identificarmos um jogo de diversas

masculinidades dentre as quais uma dinâmica de hegemonia, subordinação e cumplicidade.

Consequentemente, evidências apontam para uma tendência cada vez maior de fusão dos papéis tidos até então como masculinos e femininos, o que provoca muitos homens em relação às concepções tradicionalmente associadas a eles, como chefes, tomadores de decisão, aqueles que “pagam a conta” ou aqueles que “não cuidam da casa” (SILVA, 2000). Como resultado de lutas históricas, velhos papéis antes ditos “femininos” passaram a ser ocupados pelos homens, produzindo novas identificações e performances de gênero (BONOMO et al, 2008).

A literatura sobre masculinidades evidencia a importância de se olhar para a pluralidade masculina. O conceito de masculinidade hegemônica aponta para um modelo que ganhou hegemonia diante de vários outros modelos e tende a gerar pressões diversas sobre homens ao longo de sua socialização e ação no mundo (CONNEL, 1990; 1995). No entanto, é possível discutir o caráter pluralista da noção de masculinidades (no plural), pois a masculinidade hegemônica pressupõe que raramente homens incorporam e agem no mundo segundo todos os ditames do modelo hegemônico, representando outras masculinidades. Além disso, o conceito de masculinidade hegemônica aponta para um caráter mutável da hegemonia masculina indicando que essa assume novas formas de tempos em tempos, com variações culturais e espaciais, segundo os sistemas simbólicos mais gerais de uma dada sociedade.

Connell e Messerschmidt (2013) sugerem que reconheçamos as masculinidades (no plural) não apenas como uma noção de identidade pessoal de cada “tipo” de masculinidade, mas como masculinidades que implicam diferentes posicionamentos nas relações sociais, gerando múltiplas dominações e subalternidades entre diferentes grupos de homens. Assim, quando olharmos para uma perspectiva interseccional de gênero, homens gays têm menos privilégios e maior dificuldade de incorporar o modelo de masculinidade hegemônica do que homens héteros, dada os conjuntos de significados sobre a heterossexualidade normativa implicada no modelo hegemônica, comprovada na identificação de Badinter (1997) no hábito masculino constante de “se provar homem”. Por sua vez, homens negros tendem a ser vistos como “homens” menos “importantes” do que homens brancos, dado o atravessamento das questões raciais de nossa cultura nas relações de gênero. Homens negros e gays tendem, portanto, a ocupar posições sociais mais subalternas em relação ao modelo hegemônico, muitas vezes sendo vítimas de agressões de outros homens que agem orientados pelo modelo de masculinidade

hegemônica. Soma-se a essas interseccionalidades não somente a orientação sexual e a raça, mas também fatores geracionais e regionalismos, entre outros fatores.

Todas as transformações sociais no campo das masculinidades e o jogo entre as masculinidades hegemônica e subordinadas, ao nosso ver, são percebidas como ambivalências por muitos homens, o que potencializa a situação de desamparo e impotência. Qual performance é a adequada? Dessa forma, além da compulsoriedade de algumas performances, ocorre um questionamento se de fato ela será efetiva ou não para decifrar o desejo do outro. O impacto é percebido na saúde física e mental masculina.

#### **IV. MASCULINIDADES E O QUE NÃO É SAUDÁVEL NA VIDA DOS HOMENS**

Partimos do pressuposto teórico de que sofrimento psíquico é construído por meio performances de gênero (BUTLER, 2012), impostas por padrões hegemônicos de comportamento e socialização. A conformidade mandatória de tais performances é, frequentemente, adocedora para homens (ZANELLO; 2018). No caso dos homens, como exemplo, temos a depressão vivenciada consequente do desemprego, que muitas vezes é derivada da expectativa de reprodução da performance do “provedor”; ou ainda observa-se nas estatísticas que homens são as maiores vítimas de acidentes de trânsito ou mesmo mortes derivadas de violência, ambas estatísticas sendo o resultado de uma série de expectativas associadas a masculina, como a de performar a “virilidade”. Assim, forma-se imperativo superegóico que demanda a impossível tarefa de uma virilidade infalível e sempre pronta, sendo, portanto, terreno fértil para contradições e crises.

As consequências da masculinidade hegemônica nas relações sociais são diversas, portanto, mas em geral atravessam o universo da violência, tornando tóxicas as relações entre homens entre si e em relação a mulheres. Entre elas encontramos uma maior propensão dos homens a cometerem violências diversas, desde violências sutis até violências graves, contra si mesmo e contra os outros, principalmente, as mulheres. Machado (1998) nos mostra, por exemplo, que nos discursos dos sujeitos sobre o estupro encontramos uma diversidade de posições nas representações masculinas das mulheres em relação aos homens.

Doenças isquêmicas do coração, cerebrovasculares, homicídios, acidentes em transportes terrestres e doenças crônicas das vias respiratórias inferiores ocupam, no caso masculino, respectivamente, os cinco primeiros lugares (SCHRAIBER, 2005) . Ao se

tomar como exemplo o câncer de pulmão e o de próstata, surgem dois comportamentos culturalmente marcados pelas distinções de gênero: o hábito de fumar e falta de prevenção. Assim, para explicar e combater a maior taxa de morbimortalidade masculina, é necessário enfatizar aspectos culturais que podem comprometer a saúde masculina (GOMES, 2003; LAURENTI et al, 2005).

Faz-se necessário refletirmos mais as masculinidades do ponto de vista da saúde, principalmente, da saúde mental. Para Barbieri (1992) não se pode estudar e intervir exclusivamente junto às mulheres, pois o conceito de gênero é forçosamente mais amplo, fazendo-se necessário um olhar nas relações mulher-homem e homem-homem. Nesse sentido, são poucas as produções e políticas públicas sobre masculinidades e saúde. Políticas públicas de saúde pensadas para as mulheres, ainda que insuficientes e por vezes ineficazes, são maioria quando comparada com as para homens. Assim, em nossa pesquisa bibliográfica temos que primeiro estudo epidemiológico brasileiro de grande amplitude sobre a população masculina foi publicado por Laurenti em 1998. Em 2006, foi lançada uma síntese sobre o homem e as políticas públicas de saúde: “Indicadores e Dados Básicos para a Saúde: IDB 2006”. Em 2007, o Ministério da Saúde do Brasil inicia a implementação de política específica para atender às particularidades da população masculina no tocante à saúde: “Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem: princípios e diretrizes”.

Ainda, no campo acadêmico, as produções ainda são insuficientes. Em levantamento realizado em base de revistas acadêmicas, Gomes (2004) demonstra como para as palavras-chave homem, masculinidade, masculino, saúde do homem, saúde masculina ou expressões equivalentes atingem somente um total de 34 trabalhos tendo o homem como foco de discussão.

A literatura psicanalítica é especialmente frutífera para nos ajudar a compreender a os efeitos da masculinidade hegemônica na saúde mental de homens. Para a Psicanálise, o sujeito é, antes de ser falado pelo o Outro e nos constituímos com base nesse discurso, tendo que nós a ver com essa estrutura discursiva em que estamos imersos. Palavras nos expressam ao mesmo tempo que nos alienam, nos provendo com experiências e identidades formatadas. Precisamente essa alienação é objeto de interesse da Psicanálise ao entender o sujeito como fragmentado e em constante conflito consigo, sendo, desde o seu surgimento, uma teoria sobre a crise de identidade inerente a condição humana. Ao virmos ao mundo, somos designados homem ou mulher com base na mínima inscrição biológica em nosso corpo, posteriormente somos atravessados pela cultura que nos cerca

, e dessa forma nos produzimos e nos aprisionamos no vínculo com o outro e Outro, sujeitos, assim, não de uma psicologia individual, mas sempre social.

Dada nossa posição inicial, cada qual se defronta com um percurso único, porém com muitas interseções ao longo dele - no caso dos homens a demanda viril. Essa imposição do atributo virilidade, contudo, tem que ser vista em toda sua complexidade. Não se trata simplesmente de uma demanda feita pelo discurso do Outro, mas também é uma qualidade procurada e ambicionada por muitos homens devido às suas possibilidades de gozo e sua posição eminentemente fálica. A questão fulcral é que a virilidade oferece caminhos estreitos demais para dar conta de toda subjetivação da identidade masculina, pois interdita outras vias alternativas, assim, ignorando a complexidade e heterogeneidade de sujeitos distintos. Trata-se de uma crise das identificações desencadeada pela insuficiência dos significantes constituintes da ideia/ideal de homem darem conta de toda complexidade e heterogeneidade da identidade masculina. Tal limitação gera um descompasso entre o eu e o eu ideal, produzindo sofrimento psíquico.

Assim, uma estratégia para lidar com esse tipo de sofrimento é uma cuidadosa publicização nos mais variados meios: a mídia, clínica, academia, políticas públicas. À medida que é debatida e exposta a insuficiência psíquica do padrão hegemônico, retira-se da esfera do privado e expõe-se na vivência pública experiências, antes tidas como individuais e singulares, as quais, na realidade, são comuns a muitos homens. Produz-se, assim, um campo de identidades e performances alternativas o qual os homens podem se reconhecer e se pensar criticamente tendo como base não imperativos, mas antes possibilidades. Grupos de homens oferecem tal oportunidade de reformulação ao criar um espaço seguro de partilhas e acolhimentos das subjetividades e experiências vividas. Um espaço raro em que homens podem se relacionarem com processos de subjetivação de outros homens e, a partir daí, propor e experimentar novas performances e modelos de masculinidade.

No que tange à construção de saúde para homens e de masculinidades saudáveis, encontramos algumas importantes evidências de que grupos de homens com viés terapêutico e reflexivo têm sido espaços que contribuem para essa construção. Como apontamos, estudos que enxergam as interfaces entre saúde mental e gênero são incipientes no Brasil. Algumas pesquisas recentes, no entanto, têm apontado a relevância e o potencial desse binômio (SANTOS, 2009; ANDRADE, 2014; ZANELLO, 2018). Dentre esses estudos, o tema é impulsionado por uma crescente necessidade de se pensar masculinidades que contribuam para o bem estar subjetivo de homens e contribuam para

relações gênero entre homens e mulheres e homens e pessoas LGBT orientadas por equidade. As discussões sobre a construção de “masculinidades saudáveis” apontam para a necessidade de desenvolvimento de práticas terapêuticas na formação de homens, sugerindo a introdução de incentivos ao desenvolvimento de uma comunicação não-violenta na sua formação, da organização de grupos de homens orientados ao compartilhamento de experiências e autocuidado e até mesmo a organização de um movimento político de masculinidades, tomando o exemplo dos movimentos feministas (WANG, 2006).

Segundo Januário (2016:96), desde os anos 1980 “no âmbito acadêmico e em alguns círculos ligados à produção intelectual, criaram-se grupos de homens com o intuito de promoverem uma reflexão sobre a sua própria condição no patriarcado a partir das críticas feministas que, entretanto, ganharam ênfase no cenário social”.

WANG et al (2006) apontam que desde a década de 1970 têm surgido “grupos de homens” que buscam novas representações para os homens que buscam fugir dos padrões estereotipados. Nesses grupos, homens que se auto intitulam “sensíveis” alegam o direito de performar sensibilidades diversas outrora atribuída as mulheres, sem que tenham outras categorias masculinas rejeitadas, como a heterossexualidade, e nem sem que sejam fonte de repúdio e discriminação por parte de outros homens. Nesses grupos, temas como a paternidade, a homossexualidade, o comportamento físico e moralmente agressivo, entre outros passaram a ser trabalhados. “Com efeito, mais do que à redefinição de papéis, a crise masculina diz respeito à instauração de uma nova ordem que questiona e desconstrói o paradigma da hierarquia e do autoritarismo que norteava todos os aspectos da sociedade ocidental” (WANG et al, 2006, p. 58).



## **MÉTODO**

A pesquisa qualitativa aqui proposta parte do pressuposto que o objeto da pesquisa são os fenômenos sociais que atravessam os indivíduos e sua interpretação da realidade. Os indivíduos são sujeitos ativos, que a partir de sua interação com o meio social e suas experiências (vivências), são capazes de observar e alterar o seu comportamento social. Segundo Alonso (2016), o tipo de pesquisa qualitativo lança de mão de uma análise aprofundada de um número limitado de opiniões, para investigar os processos e as estruturas dos fenômenos sociais. A pesquisa qualitativa considera as várias interações sociais que o sujeito tem, podendo alterar e ser alterado dependendo do contexto. Alonso (2016: pp.09) ainda afirma que o objeto não é um objeto passivo, pelo contrário são sujeitos pensantes e dotados de consciência. E nesse sentido, a autora destaca, dentre outros, os seguintes pressupostos do método qualitativo: a relação sujeito-sujeito como “objetos que pensam a si mesmos” e a dupla hermenêutica, onde a (o) pesquisadora (o) analisa e “interpreta a interpretação que os sujeitos produzem de sua prática”

Na pesquisa proposta, o instrumento de coleta de informações utilizado foi a entrevista individual semiestruturada. Sendo a entrevista uma conversa com uma finalidade, o formato semiestruturado combina perguntas abertas e fechadas, ou seja, o pesquisador não se prende a um roteiro fechado, tendo uma certa liberdade na hora de realizar as perguntas a seu interlocutor, podendo, inclusive, mudar a ordem das questões e incluir novas a partir do diálogo traçado. A entrevista individual foi o tipo de entrevista mais adequada ao tema deste estudo, pois os assuntos tratados expressam vivências e opiniões pessoais, diante dos quais os participantes poderiam se sentir constrangidos se questionados na presença de outras pessoas.

## **PROCEDIMENTOS**

A realização da pesquisa foi feita em cinco etapas. Primeiramente, foi realizada uma revisão da literatura nacional e internacional sobre: (a) Gênero e masculinidades; (b) Grupos e movimentos de homens; (c) Masculinidades e saúde (com enfoque especial na saúde mental); (d) Interseccionalidades e gênero.

Após a realização das entrevistas, foram realizadas pesquisas sobre a literatura psicanalítica que nos ajudem a entender significados, percepções, performances e crenças dos homens entrevistados sobre aspectos que não haviam sido possíveis analisar.

Num segundo momento foi realizada a construção do roteiro de entrevistas e o mapeamento dos entrevistados. A entrevista semiestruturada não deve se basear em questionários fechados, pois é necessário coletar informações e dados diferentes de entrevistados que se encontram em situações distintas (DUARTE, 2004). Ademais, normalmente perguntas específicas são modificadas ao longo do processo de pesquisa, na medida que o pesquisador conheça as características do caso sob estudo, e assim defina novos objetivos específicos. Dessa forma, foi fundamental definirmos um roteiro de questões gerais de pesquisa que orientaram os estudos (APÊNDICE A). A construção do roteiro foi realizada após o levantamento bibliográfico e contatos exploratórios com participantes de grupos de homens do Distrito Federal.

Num terceiro momento, por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, o projeto desta pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), que avaliou o seu mérito ético, tendo aprovado ele. Para a aprovação, o projeto foi submetido juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO A), documento que foi assinado por todas os participantes durante as entrevistas realizadas.

Num quarto momento, foram realizadas as entrevistas semiestruturadas. O recrutamento dos participantes se deu por amostra por conveniência, através das redes de relações pessoais e profissionais dos pesquisadores. Foram mapeados grupos de homens terapêuticos e temáticas em exercício no Distrito Federal no ano de 2019 e realizado contato com coordenadores de nove grupos, sendo que dos nove contatados, apenas sete aceitaram a realização da pesquisa. Após a confirmação do agendamento de entrevista, foram realizados encontros presenciais e virtuais em horários convenientes aos participantes. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas mediante gravação. Um ponto importante a ser sinalizado e o fato de que, durante a realização das entrevistas, alguns pontos mereceram uma atenção extra por parte dos pesquisadores: não constranger o entrevistado; os roteiros foram organizados de forma a preservar a ideia de uma conversa; as perguntas foram oportunas, respeitando a individualidade de cada participantes (Lima, 2016).

Na quinta etapa, foi realizada a transcrição das entrevistas e a análise de conteúdo das informações obtidas. Sobre a técnica de análise de conteúdo, Gomes (2002) destaca duas funções, que podem se complementares. A primeira função é que a partir da análise

de conteúdo é possível encontrar respostas para a pergunta de pesquisa e para as afirmações estabelecidas no início. A segunda função é a possibilidade de entender o que está oculto no comportamento verbal, captando aquilo que não está sendo comunicado. Assim, a análise de conteúdo passa por quatro fases: pré-análise, exploração do material, tratamentos dos resultados obtidos e interpretação.

A primeira e a segunda compreendem a organização de toda informação que será analisada. Desta forma, foi lido todo o material transcrito, realizadas notas e foram definidas as categorias a serem analisadas, à luz dos Objetivos da Pesquisa e do referencial bibliográfico pesquisado. As categorias definidas foram:

- I. Atravessamentos da masculinidade hegemônica na vida dos homens e a busca por transformações como sujeito;
- II. Grupos de homens: trajetórias dos participantes e modos de funcionamento;
- III. Entre a masculinidade hegemônica e uma possível transformação em curso.

A terceira fase da análise consistiu em selecionar os trechos das transcrições relacionados a cada categoria. Por fim, a última fase da análise qualitativa das informações se deu na interpretação das informações a luz da literatura pesquisada.

Por fim, como última etapa da pesquisa, este relatório final da pesquisa foi escrito e revisado.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante das informações coletadas a partir das entrevistas realizadas, após análise de conteúdo (GOMES, 2002) apresentamos e discutimos aqui os resultados mais significativos encontrados, tendo como base as três categorias analíticas selecionadas:

I. Atravessamentos da masculinidade hegemônica na vida dos homens participantes de grupos de homens e a busca por transformações como sujeito;

II. Os grupos de homens: trajetórias dos participantes e modos de funcionamento;

III. Entre a masculinidade hegemônica e uma possível transformação em curso.

Os participantes foram nomeados por letras, de modo que suas identidades fossem preservadas, de acordo com os preceitos éticos de uma pesquisa qualitativa realizada com seres humanos.

Indicamos na tabela abaixo o perfil dos participantes, em termos dos grupos de homens que participaram ou participam como participantes e coordenadores.

*Tabela 1 - Informações Gerais das Participantes*

Participantes	Coordenação de qual grupo	Participação em outros grupos
R.	Guerreiros do Coração	Grupo de pais, Homens em Conexão
V. N.	Roda de Homens Negros Seicho-no-ie	Homens em Conexão Homens Essenciais, Homens em Conexão e Guerreiros do Coração
E	Guerreiros do Coração	-
F	Diamante Bruto	Homens em Conexão
L	Caminhos do Masculino	-

## **I. I. ATRAVESSAMENTOS DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA VIDA DOS HOMENS E A BUSCA POR TRANSFORMAÇÕES COMO SUJEITO**

Antes de tudo, vale mencionar que os participantes da pesquisa, pelo fato de participarem de grupos de homens, já haviam sido confrontados, em algum momento, com os questionamentos sobre a sua própria condição como homem e seus desdobramentos. As respostas, no entanto, apontam padrões interessantes. Buscamos mostrar as convergências e divergências dos discursos dos participantes, buscando refletir sobre o conteúdo coletado a luz de contribuições da literatura pesquisada.

### *I.I Impactos negativos da masculinidade hegemônica na biografia dos entrevistados*

Um primeiro aspecto a ser analisado diz respeito às experiências dos entrevistados em sua biografia que têm ou tiveram repercussão negativa ou geraram algum sofrimento em detrimento da incorporação e performance de papéis masculinos considerados socialmente relevantes. Como discutido na Introdução, quando abordamos masculinidades não falamos apenas sobre o sistema cultural que é incorporado sobre o papel dos homens, mas sobre tudo aquilo que é enxergado como masculino e atravessa as instituições, linguagens e socialização de todo e qualquer sujeito.

Dito isso, todos os entrevistados relatam ter sido agenciadores de ações masculinas consideradas negativas socialmente. Termos como "agressividade", "assédio", "privilégio" e "chacota" foram usados por eles para descrever ações que cometeram com outras pessoas. No que diz respeito a essas práticas que chamamos de "negativas", devido seu efeito violento e gerador de sofrimento, os participantes as chamaram de diferentes nomes: masculinidade "arcaica", "tóxica", "machista" e "antiquada".

De modo geral, os relatos apontam para um elemento intergeracional sobre como aprenderam com seus pais e ou outros homens que os educaram no seu modo de se expressar em relação aos atributos considerados socialmente "masculinos", como por exemplo, a agressividade, tema do trecho abaixo de R.

**R:** Eu praticava e ainda prático [refere-se ao que ele chamou de masculinidade arcaica. E vou além, cara. As mulheres que eu conheço, todas, eu não vejo uma que não tem "quê machista". Porque é típico do ser humano reclamar do que dói e não intervir no que convém. Eu estou falando de décadas atrás. Eu não posso olhar para o meu pai, que desde os seis anos trabalhava, o bicho é bruto igual uma pedra, igual uma enxada. Eu não chegar para ele e falar para ele começar a pagar uma penitência por tudo o que ele fez, sacou? E vou além, cara. Eu tentei no meu casamento imitar o meu pai, pois no casamento dos meus pais foi sucesso o que ele faz. No meu casamento eu tentei imitar o meu pai e o resultado não foi sucesso (risos), foi um fracasso. É nisso que eu digo que não dá pra cuspir no prato que comeu. Não estou falando que a agressividade é justificada. Mas a negação total da agressividade, que é dos elementos da masculinidade tóxica, é um absurdo, né? Pois é uma das características da personalidade humana. Quem disse que ela é ruim. Depende do jeito que ela é empregada, né? Quem disse que o perdão é bom? Depende do jeito que ele é usado.

Nas falas de R. em nenhum momento foi abordado o tema do privilégio masculino ou das vantagens como homem em relação a outros homens e as mulheres em geral, que é central na literatura sobre masculinidades, quando se aborda as questões negativas geradas por performances orientadas pela masculinidade hegemônica. O tema do privilégio (ou das vantagens comparativas, como prefere o entrevistado) foi, por sua vez, bastante abordado por V. Ainda com viés crítico, que segundo V. deveria ser uma tônica, tanto dos estudos, quanto das dinâmicas dos grupos de homens, o entrevistado abordou a importância do sujeito branco se racializar, o que poderia se configurar como o exercício de uma branquitude crítica por parte de coordenadores e participantes de grupos de homens que tem, em sua maioria, participantes brancos.

Segundo V, o tema da masculinidade hegemônica deve ser discutido a partir de um enfoque em que ele possa se perceber como protagonista e agente de práticas que são potencialmente maléficas aos outros, e, ao mesmo tempo, reconhecendo que tais práticas também lhe fazem mal. Portanto, se por um lado o privilégio é um benefício do machismo, os impactos subjetivos não deixem de ser profundos naquele que o pratica.

**V:** A gente que trabalha com terapia sabe que qualquer mudança deve começar por si. Nesse sentido que eu me coloco como protagonista, para ver o mal que eu faço as minhas companheiras, o mal que eu faço a uma irmã mais nova, a mal que faço as minhas amigas, acabam me fazendo mal também. Eu preciso me reparar em relação a isso.

O entrevistado aciona várias situações em sua vida que considera praticar atos relacionados a uma masculinidade que considera maléfica para os outros e para ele, abordando o tema da violência como forma de resolver situações, ao invés do recurso ao diálogo.

V: Eu tenho alguns rompantes no trânsito, por exemplo, quando alguém me fecha. Eu tenho rompantes de ira. Então, eu poderia ficar falando contigo uma série de questões que me fazem mal, podem me matar, me fazem mal subjetivamente, emocionalmente, eu perco a capacidade de dialogar, de resolver o conflito através da conversa, eu quero ir para o corpo. Eu estou falando "Eu quero", porque hoje, graças a terapia e a Roda, isso está amenizada, mas eu sinto que foi uma cultura passada para mim de muito tempo. Então eu não tenho condições de dizer para você: "Não; isso passou, não faz mais parte da minha vida". Não! Isso está terapeutizado, isso é falado, isso está problematizado, mas isso está em mim, sim, ainda. Eu não me movo mais por esses impulsos, mas não tenho condições de te dizer assim: "Estou curado". Não! Foi essa forma que eu fui colocado no mundo e aprendi a ser homem desta forma.

A partir do exposto, para V. e a maioria dos entrevistados, o modo como aprendeu a ser homem é algo a ser "desaprendido" e reconstruído. Além disso, para ele, no que diz respeito a esta reconstrução de sua masculinidade, foram e são as mulheres que lhe estimulam e estimularam, em especial, as mulheres negras.

V: Em especial, as mulheres negras. Eu me relaciono. Eu sou também um homem heterossexual. Então, eu me relaciono com mulheres que me chamam atenção para isso. Eu tenho a sorte de me relacionar com mulheres que tem uma atitude emancipatória, algumas estão ali no lugar do feminismo, outras não. Mas sempre me apontando: "Olha, cara, esse seu comportamento aí me causa dor". Esse comportamento seu me faz mal, me sinto mal. Eu gosto de ti, tu e um cara bacana, mas me agride, sem querer, eu não sei" Isso me causa alertas. Eu gosto desta mulher. Eu quero fazê-la bem. Mas algo que eu faço, uma fala, né, ela vai me apontando e vai me chamando atenção. Então, eu acho... eu acho não, eu tenho certeza de que as mulheres que me relacionei e me relaciono até hoje elas tem este perfil e elas me ajudam, me ajudaram muito. O trabalho que eu faço hoje na roda de masculinidades, assim, tem uma participação delas, dessa história que eu vivi com elas.

Ao longo das análises, com exceção de R. e V., percebemos uma esquiva por parte da maioria dos entrevistados, nas perguntas sobre as práticas consideradas negativas praticadas pelos homens e que eles teriam praticado ou praticam. Todos os participantes reconheceram já tê-las praticado ou as praticar. No entanto, não quiseram abordar casos ou situações específicas, respondendo as perguntas de modo mais amplo, por exemplo, indicando que teriam performado tais aspectos "nos relacionamentos" ou "no trabalho".

Pesquisas futuras poderão explorar melhor o sentido da esquiva nessas respostas. Seria tal esquiva uma forma de performance do silêncio dos homens ou da dificuldade de auto-responsabilização em dinâmicas de violência contra a mulher, tal como abordam alguns autores?

Além dos atos praticados pelos entrevistados, todos relataram terem sido alvo de agenciamentos masculinos considerados negativos pela ação de outros e que lhe causaram mal-estar. No que tange a esses aspectos causados por outros, E. nos narrou de ter sido motivo de chacota entre amigos homens durante a vida, devido a sua estatura. E. evidenciou em diferentes momentos de sua entrevista que considera tais brincadeiras como um fenômeno oriundo da noção de masculinidade esperada socialmente em relação aos corpos masculinos.

**E:** Eu já sofri uma espécie de *bullying*. Eu passei em alguns momentos. Imagina um homem de baixa estatura junto com outros homens. A comparação ali é meio que “Bom, e um homem de baixa estatura” e a ideia de homem que um cara forte, enfim, está distante da ideia de homens. Rolavam brincadeiras e maneiras de apontar minha condição.

E. nos relatou, ainda, a presença de uma condição especial de saúde na infância, que o trouxe a impossibilidade de atuar papéis, que segundo ele, são papéis masculinos. Segundo o entrevistado, isso o colocou o impedimento de montar a cavalo, uma prática comum na região em que nasceu e viveu durante a infância. Para E., em função disso, escutava que não poderia exercer profissões masculinas, ou vistas como masculinas, por exigirem o esforço físico que ele não poderia desempenhar devido a sua condição de saúde.

Além do relato de E. alguns participantes relataram ter sido alvo de cobranças de mulheres em relação ao seu desempenho como homens, tanto na esfera da provisão financeira (caso de N), bem como na esfera sexual, por terem sido questionados por não desempenharem um papel ativo numa relação afetiva (casos de R. e E.), o que, segundo os entrevistados, haveria lhes causado mal estar. Do mesmo modo L. relata que, muitas vezes, por não ter sido proativo ou ter feito coisas que esperavam dele foi alvo de críticas e, principalmente, de autocrítica.

**L:** “Eu já sofri bastante de não me achar suficiente em relação a forma como socialmente se limita o que é a energia masculina de ação”.

Por fim, observamos no relato das participantes descrições de efeitos negativos da masculinidade hegemônica em suas próprias vidas, em termos do modo como se comportam em relação a si mesmos ou como se sentem cobrados, por si próprios, a desempenhar determinados papéis.

**F:** A angústia já foi muito presente. A angústia é uma consciência mais recentes. Eu acho que ela era uma coisa muito silenciosa. Tipo assim: Isso não



e adequado! Chorar não é adequado. "Putz, eu estou me expondo aqui na frente de outras pessoas". "Ih, tô falhando". "Brochei!". Coisas do tipo. Nesse sentido que eu falo que é uma angústia.

No relato e trecho acima, percebemos o já mencionado conflito entre o eu e o eu ideal produtor sofrimento psíquico. Ao ser evidenciado a impossibilidade de atingir certas ideias fantasmáticos masculinos, a fragilidade narcísica do eu é exposta em toda sua extensão. A fantasia é suporte para o desejo, portanto está sempre no horizonte, se realizada, o desejo colapsa. Em última instância, a fantasia do que é ser homem não é da ordem do sujeito, mas do social, não se trata do desejo do entrevistado, mas do desejo do Outro, o qual estamos sempre tentando decifrar. Trata-se do aforisma lacaniano *che vuoi?*<sup>5</sup> Além da leitura psicanalítica, podemos evocar aqui novamente como as consequências consideradas oriundas da masculinidade hegemônica, tal como é a camaradagem tóxica, gera mecanismos de violência simbólica vivenciado para com diferentes sujeitos que não assumem as características masculinas consideradas ideias; no caso de E., um corpo alto e forte.

### *1.11 Raça e gênero na construção da identidade masculina*

Um segundo tema importante que dialoga com os atravessamentos das masculinidades na vida dos homens entrevistados, diz respeito a interseccionalidade entre raça e gênero na construção da identidade masculina. Entre os seis entrevistados, dois se autodeclararam negros, V. e N. Segundo V., o tema da masculinidade não pode ser visto isolado como constituinte identitário na sua vivência pessoal. Para ele, ser homem significa ser atravessado por outro marcador identitário que considera mais relevante e estrutural na sua biografia: a negritude.

Dito isso, em sua biografia, segundo V., temáticas relacionadas com a masculinidade que têm ou tiveram repercussão negativa, devido ao racismo vivido por ele e por outros homens negros que conhece. Em sua entrevista, ele abordou a questão do privilégio masculino ser um tema muito discutido socialmente, no entanto, ele acredita que homens negros não pode ser "lidos" socialmente a partir da mesma dinâmica de privilégio que homens brancos. Sua vivencia como homem negro o coloca diante de

---

<sup>5</sup> Lacan aqui se refere como o nosso desejo na realidade é desejo do Outro. Estamos constantemente indagando o que é desejado de nós e este desejo da alteridade ocupa o lugar do nosso próprio desejo.

vantagens e desigualdades em relação a homens, devido a sua condição socioeconômica, local de moradia e oportunidades.

V: O meu ser homem está ligado a eu ser preto. Privilégio de ser homem, sim, existe. Não estou negando a estrutura patriarcal, falocêntrica. Porém, e a mesma estrutura para o homem negro? Da para a gente falar de uma coisa só? Privilégio masculino. Da para colocar todos os homens dentro desta categoria? Eu acho que não. Temos que fazer recorte. E um homem trans? E um homem gay? E um homem negro que mora na Asa Norte? E um homem negro que mora no Sol Nascente na Ceilândia? Entende que tudo isso vai colocando o sujeito em condições de menor privilégio. Privilégio e uma estrutura, histórica. a gente gosta de trocar a palavra privilégio por vantagens. Eu tenho vantagens em relação ao irmão que está agora no Gama. Eu estou a meia hora de banco, tenho plano de saúde. Privilégio e para quem tem posses. Ah vou vender tudo, vou fazer um mochilão. Se tudo der errado meu pai “segura a onda”. Tem uma chácara que papai quando morrer vai deixar para mim e tal. Isso e uma estrutura de privilégio.

A racialidade aqui ocupa papel de significante mestre na fala do entrevistado. Falar da sua condição de homem passa por falar da sua condição como sujeito negro. Trata-se de um movimento de resistência ao racismo denegatório nos dizeres de Lélia Gonzalez (1983). Nesse sentido, ao nosso ver, a assunção da negritude reorganiza a fantasia do que é ser homem, articulando novos sentidos e desejos.

O marcador social da identidade racial é fundamental para V. como forma de especificar sua experiência como homem; o que é perceptível em muitos momentos de sua entrevista, tal como no trecho abaixo.

V: Eu sou um homem negro, advindo da periferia, que consigo ascender socialmente, financeiramente, por algumas políticas públicas que foram colocadas no cenário político-partidário no governo do PT. Então, sou esse jovem que acessa o PROUNI através do Enem, faz faculdade e isso me dá um know-how de nova classe média. (...) Sou psicólogo, advindo desse lugar. Neste lugar, eu aprendi que eu não deveria levar desaforo para casa, eu aprendi na cultura do baile funk a brigar, com poucas conversas, com pouco diálogo, que a resolução de conflitos seria através do conflito corporal.

Nos relatos acima, o entrevistado se percebe em relação de desvantagem a homens brancos, performando uma masculinidade subalterna devido a ser lido como negro, numa sociedade racista, antes de ser visto como homem numa sociedade machista. A masculinidade hegemônica, segundo ele, constrói significados sobre privilégio na vivência de sujeitos marcadamente brancos. Por outro lado, V. performa vantagens em relação a outros homens negros por ser atravessado por outros marcadores sociais, tal como uma formação acadêmica, morar em uma localização central do território do Distrito Federal, entre outros. Um fato que nos chamou a atenção na fala acima e sobre a

possibilidade de homens brancos de classes sociais abastadas terem a possibilidade de contar com um maior apoio social em seu processo de individuação; o que, segundo ele, não se trata de um fenômeno comum na vida de homens negros. Isso porque, dada as características de desigualdade socioeconômica historicamente construídas, homens negros são localizados socialmente em condições econômicas vulneráveis em nossa sociedade.

### *I.III Sentidos sobre "o que é ser homem?"*

Um terceiro aspecto a ser analisado aqui, diz respeito aos sentidos centrais na percepção dos entrevistados sobre "o que é ser homem?", pergunta a qual fizemos a todos. Percebemos, em geral, dois sentidos principais em suas respostas. Em primeiro lugar, temos um sentido que usa de uma noção biológica, com um viés essencialista, afirmando que ser homem teria haver com atributos dados na natureza masculina, ou seja, ser homem seria um destino, mas que une tal noção a uma ideia de construção da identidade masculina a partir de valores éticos considerados pelos entrevistados importantes. Em segundo lugar, encontramos nas falas um sentido sociocultural, que percebe que ser homem se trata de uma construção social.

Podemos pensar esses dois grupos como posições distintas de alienação perante a fantasia masculina. Para a psicanálise, alienação de nossas identificações constituintes é condição originária do Eu. Alienados em nossa imagem especular no estádio do espelho, pela linguagem fornecida pelo grande outro, pelo desejo que não é nosso. Dessa forma, o objetivo de uma análise seria uma desalienação, ou seja, um atravessamento das fantasias, no caso aqui em questão a masculina.

No que tange ao sentido que chamamos de "misto" sobre a identidade masculina ser biológica e social ao mesmo tempo, encontramos na fala de R. e E. uma mescla de fatores. O entrevistado R. aponta que o "ser homem", para ele, é, a priori, ancorado no sexo de nascimento de um sujeito, ou seja, em uma dimensão biológica do "macho humano", tal como podemos ver na fala abaixo.

**R:** Homem e ser o masculino do ser humano, sexo de nascença. Eu sou uma parte do ser humana. A outra parte seria a feminina, de uma forma biológica simples. De um ponto de vista social, ser homem e ser responsável por muitas das feridas da sociedade moderna, e por outro lado muitas das conquistas da sociedade moderna, e isso não desabona em nada o ser homem. Então, ser homem e um conjunto de valores. Eu não sei mais se eu consigo te responder, pois desde que eu entrei nesses grupos de homens eu

não consigo mais responder. Mas e por aí, sabe. Ser homem e ser nós mesmos. Difícil, né? Não sei mais responder.

Como vimos, para R., ser homem envolve, também, um aspecto social, relacionado a um "conjunto de valores". A respeito deste conjunto de valores R. se mostrou esquivo na entrevista e não apresentou quais valores entenderia como eminentemente masculinos. E., por sua vez, compartilha da mesma visão de R., tendo nos respondido que "ser homem é uma "construção social". Para ele, no entanto, ser homem é um atributo que se coloca a nós desde a infância e, nas suas palavras, "a referência deste atributo é a carga genética, órgãos sexuais masculinos". E. aponta como características deste conjunto de valores e práticas que contribuem para a construção social da identidade masculina, o seguinte:

**E:** Roupas, brinquedos, orientação cultural sobre o tipo de brinquedo, orientações com quem brincar, que tipo de brinquedo que é de menina e que é de menino. É só agora na fase adulta que eu consigo fazer esta avaliação.

O entrevistado aponta que o olhar sobre a identidade masculina ser uma construção social e não uma essência é fruto de uma percepção que tem na vida adulta, que, segundo ele, teria haver com sua pesquisa pessoal e a identificação de atributos masculinos considerados negativos, segundo ele, devido ao seu "excesso".

**E:** Este é um tipo de pesquisa pessoal, que é retirar os excessos que foram colocados em mim em relação à cultura com a ideia de homem e a descoberta do ser humano que eu sou neste lugar de homem, que para mim está sendo uma descoberta. Por exemplo, profissão.

N. por outro lado associa tais valores a partir do que chama de visão tradicional, incluindo na sua definição do que é ser homem, além da integridade e atitude, a provisão. A provisão, segundo ele, não seria uma característica exclusivamente masculina, mas faria bem para a autoestima de um homem.

**N:** Ser homem para mim tem haver com integridade. Ser homem tem haver com atitude. Ser homem ter com desenvolvimento, equilíbrio, entre razão e emoção. Ao mesmo tempo, eu tenho aquela visão mais tradicional do homem, que também homem e provedor. (...) Hoje em dia quanto o homem quanto a mulher acaba se envolvendo com a questão da provisão. Não acho que é uma obrigação do homem, mas faz bem, mas acaba beneficiando a nossa autoestima.

Se por um lado N. enxerga a provisão como um valor benéfico e que faz bem para a sua autoestima masculina, F., por outro lado, aponta para o fato de que os discursos de que "homem não pode chorar" e "homem deve prover" lhe geram angústia, e funcionam

como vozes silenciosas com que tem que conviver. De todo modo, parece-nos que "prover" seja uma atitude esperada para ambos no que tange ao que para eles envolve ser homem.

**F:** Eu me deparo com os discursos: "Homem não pode chorar, deve ser provedor da família, trabalho". Mas para mim, aí eu falo da minha angústia em conviver com esta lógica, que é uma voz silenciosa, quase que inconsciente, ao passo que eu encontro com um pedido autêntico meu que é: "permita-se ser homem como você se sente à vontade sendo".

Em segundo lugar, a minoria dos entrevistados, ao serem questionados sobre o que é ser homem para ele, trouxeram em falas o sentido sociocultural, que percebe que ser homem se trata de uma construção social. Interessante notar, no entanto, que a literatura de gênero contemporânea tende, em geral, a abordar que as masculinidades e feminilidades são construções culturais, variáveis na cultura e no tempo.

**V:** Ser homem hoje para mim é uma construção social. Eu percebo que muito do que me faz pensar como homem, me faz agir, me relacionar, foi aprendido. Inclusive, nesta percepção, de ensino que me passaram, eu vejo que eu carrego muitos hábitos que me fazem mal, no quesito afetivo, emocional, com as pessoas com quem eu me relaciono. Fazem mal a elas, por que a troca é muito intensa, de muita intimidade, mas faz mal a mim também. (...) Eu vejo que ser homem é uma construção social, para além do órgão genital. Foram hábitos, histórias, que foram sendo passadas e eu fui sendo inserido nesse movimento.

No trecho acima, abordando apenas o aspecto da masculinidade como construção social, V. tende a abordar a dar ênfase a construção dos papéis que geram impactos negativos em relação ao exercício do seu papel como homem na sociedade. Trata-se, como diz, ele de hábitos, histórias, dentro das quais foi sendo inserido. Para ele, enfim, o órgão genital não é central na concepção do que é ser homem.

Embora em nossa análise buscamos identificar os sentidos dados pelos participantes a ideia do que é ser homem, tendo identificado dois grupos de respostas, em termos psicanalíticos, é importante aqui ressaltarmos que ser homem pode ser visto como "a fantasia do que é ser homem". A fantasia não é uma construção social. Ela é articuladora de pulsão e desejo individual e coletivamente. Desejo, enquanto uma categoria negativa, não possui objeto fixo. Assim, é a fantasia que dita o que vai ser desejado naquele momento. Dessa forma, o desejo de virilidade, por exemplo, não é imposto social-culturalmente como algo externo aos sujeitos sem implicação dos sujeitos na sua construção, mas também é algo desejado pelo sujeito que performa a virilidade.

Ao nosso ver, assim, os sujeitos buscam aprender e se constituir como homens, ou seja, desejam ser homens, não somente incorporando os sistemas de valores da cultura. Ampliando o argumento, a própria ordem instituída pela masculinidade hegemônica não é sustentada apenas coercitivamente ou externamente aos homens, pois há um gozo masculino na construção dessa ordem. Ao nosso ver, reconhecer o gozo e elaborá-lo pode facilitar um processo de reconstrução das masculinidades.

## **II. OS GRUPOS DE HOMENS: TRAJETÓRIAS DOS PARTICIPANTES E MODOS DE FUNCIONAMENTO**

Nesta seção procuramos discutir e analisar as falas dos entrevistados sobre as origens dos grupos de homens, seus modos de funcionamento, em termos metodológicos e em termo de formato de reuniões (virtuais e ou presencial). Além disso, abordamos as trajetórias dos participantes para criar, participar ou coordenar grupos de homens, e analisamos como os entrevistados percebem os aspectos positivos na sua experiência em relação aos grupos terapêuticos e temáticos.

### *II. I. As mulheres e os grupos de homens*

Procuramos brevemente entender como os participantes/coordenadores de grupos de homens entrevistados enxergavam o papel das mulheres em relação aos grupos de homens. Um tema que surgiu nas entrevistas acerca deste tópico, foi acerca da origem do estímulo da existência dos grupos de homens. Consideramos que se trata de um tema marcado por uma controvérsia entre os participantes: seria o feminismo a fonte da origem dos grupos de homens? Segundo alguns, os grupos de homens são o resultado de anos de ativismo dos movimentos de mulheres. Para outros, no entanto, os movimentos de mulheres não são os estimuladores da origem dos grupos de homens - em especial, os grupos terapêuticos e temáticos.

Segundo V. sem as mulheres e os feminismos não existiriam os grupos de homens. Segundo ele, além da demanda por conscientização masculina acerca das relações desiguais e violentas para com as mulheres, os movimentos de mulheres deslocaram a identidade masculina. Em crise e diante das demandas dos feminismos, segundo o

entrevistado, os grupos de homens passam a se constituir como um importante recurso de reflexão e transformação como sujeito individual e coletivo.

**V:** Elas não vão esperar a gente, elas vão avançar. Elas não precisam da nossa autorização. Este avanço das mulheres desregula o lugar do homem e o homem fica meio perdido. Então ele fica: "Poxa, qual é o meu lugar?" (...) Esta mobilização que o feminismo vem fazendo sobre a responsabilização dos homens chega agora no real, na prática, e os homens vão fazendo o que? Ele chega: "Cara, tô perdido, a gente tem que conversar, não sei o que fazer".

Por outro lado, para outro entrevistado, R., os movimentos de mulheres seriam “inimigos” dos grupos de homens, por não os considerarem legítimos, por expressarem críticas nas redes sociais, principalmente, no que tange a cumplicidade entre os homens nesses grupos. Segundo alguns entrevistados, mulheres feministas vêm afirmando nas redes sociais que os grupos de homens não produzem avaliações críticas aos comportamentos masculinos considerados machistas, o que implicaria, nas palavras de um entrevistado, em "passar pano" (ser condescendente) para com as atitudes negativas de outros homens, por partilharem a identidade masculina em comum.

Em tais posições distintas, percebemos duas maneiras de se relacionar com o desejo do outro. Os homens que, ao serem estimulados por mulheres, entram nos grupos. As mulheres, assim, evidenciam uma dinâmica dialógica com demandas externas por parte desses sujeitos. Por outro lado, o entendimento das mulheres como “inimigos” revela um movimento denegatório em relação ao outro, onde o Eu nega a alteridade como mecanismo de defesa. Defesa em relação ao quê? Ao nosso ver, a defesa se dá em relação às críticas a comportamentos masculinos que por serem generalizadas em diferentes meios sociais passam a ser tomadas como individualizadas por alguns diante das suas dinâmicas pessoais.

Um outro tópico que perguntamos aos entrevistados sobre grupos de homens que coordenam e ou participam se deve ao fato de os grupos serem exclusivos para pessoas que se definem como homens. Sobre a necessidade de ausência das mulheres nesses espaços, a maioria dos entrevistados relata se deve a dificuldade masculina de compartilhar suas vulnerabilidades e o efeito agregador de falar com outros homens sobre experiências comuns. Acerca do tema F. nos trouxe um rico relato que consideramos elucidativo da opinião dos demais participantes.

**F:** Espaço que a gente pudesse falar de si e sem interferência de quem não era e ter este espaço mais segura. Ter este espaço de confiança, cuidado.

Porque é muito difícil homens que tradicionalmente já não tem este espaço de compartilhamento, esta vontade de falar, e aí, de repente, vai num espaço que é misto e aí você... não estou falando que o espaço é intimidador, mas internamente você fala: "Poxa, vou me abrir aqui? Vou falar que eu tô... que eu sou frágil, sou vulnerável? Então este espaço masculino acaba dando essa segurança, esta confiança para poder compartilhar esse tipo de coisa, para poder trabalhar isso a partir do compartilhamento de experiências e vivências. Um conta sua história e fala como lidou com isso e aí a gente vai aprendendo. Eu aprendi muito.

Dentre os grupos dos entrevistados, apenas a Roda de Homens Negros teria acolhido espaços mistos entre homens e mulheres para o diálogo sobre as masculinidades negras. Este tópico carece de maiores desdobramentos em pesquisas futuras.

## *II. II. Como os participantes procuraram os grupos de homens*

Um segundo tema a ser abordado aqui é como os participantes procuraram os grupos de homens. As entrevistas nos apontam diferentes sentidos na busca por parte desses sujeitos, mas identificamos e interpretamos dois objetivos mais concretos embora diferentes, na fala dos entrevistados no que tange a sua motivação para procurar grupos de homens: (a) uma crise pessoal; (b) uma vontade de mudar modos de pensar, ser e agir como homens e de estar num espaço alternativo em relação aos espaços tradicionais de convivência masculina.

Dessa forma, os grupos de homens, sejam terapêuticos, sejam temáticos, parecem surgir como uma estratégia para solucionar alguma espécie de conflito masculino, por um lado, um conflito pessoal; por outro lado, um conflito com as mudanças socioculturais sobre os papéis masculinos socialmente aceitos.

No que tange ao tema da crise pessoal, desponta o relato de R. que descreve o fato de ter procurado o grupo Guerreiros do Coração num momento de "muita dor", devido a uma separação conjugal-afetiva.

**R:** Um amigo meu me convidou e eu neguei por preconceito. Só que daí, depois, eu estava no meio de um processo de divórcio, eu estava sofrendo muito e eu não tinha mais recursos, e aí foi quando esse meu amigo meu me falou: "Cara, entra lá, que agora mais do que tudo vai te ajudar! " Foi aí que eu entrei no Guerreiros. De fato, me ajudou muito, muito, muito emocionalmente. Eu entrei pela dor, por desespero.

O entrevistado relata, ainda, que sua entrada no grupo terapêutico não se deu de forma fácil, indicando um possível preconceito em relação a grupos terapêuticos exclusivos para homens. Interessante notar que este "preconceito" envolveria a associação



ao grupo a algum tipo de prática alternativa espiritual, a qual, segundo ele, o mesmo não teria intimidade, achando que se trataria de um grupo para pessoas que ele mesmo chamou de "bicho grilo" - termo pejorativo usualmente associado a pessoas que vivem modos de vida alternativos ao *modus operandi* de nossa sociedade urbana e capitalista. Vejamos o relato de R.

**R:** Ele me convidou e eu pensei que era aquela coisa "macho arcaico", "guerreiro", "competitivo". Aí quando eu entrei no site eu vi que era muito "bicho grilo", sabe? Acho que foi um preconceito nesse tipo. Achei algo "ecumênico", alguma coisa mais que não era minha *vibe* até então.

Outros participantes apontam que procuraram terapias e psicólogos durante um período de crise pessoal e foram indicados por estes profissionais a procurar um grupo de homens. E. relata-nos que seu primeiro contato com um grupo de rodas de conversa com abordagem terapêutica inspirada na Constelação Familiar se deu por indicação de uma terapeuta com quem estava em atendimento.

**E:** A ideia de fazer parte de um grupo de homens veio a partir de um momento que eu quis fazer um grupo de constelação familiar. E a terapeuta me disse: Olha tem uns homens que estão começando a conversar, eu não sei muito bem o que eles fazem, o que vocês fazem, mas eu acho que pode ser uma coisa interessante. E esta foi a minha experiência com homens se encontrando, num grupo de homens [refere-se aqui a um grupo de homens terapêutico que se utiliza da constelação familiar como abordagem principal.

N., por sua vez, relata ter realizado um atendimento em um astrólogo e ter sido instruído a trabalhar mais o que chama de força masculina em si. Na época, segundo ele, chegou a se encontrar com "coachings" voltados para homens, mas que, na sua opinião, buscavam "treinar" homens em relação ao seu desempenho como líderes ou em relação a conquista. Foi quando conheceu um grupo de homens com viés da constelação familiar chamado Diamante Bruto e participou de alguns encontros. Em 2018, soube da existência do projeto Homens em Conexão. Desde em 2018, participou de mais grupos até criar um grupo, chamado Fraternidade, que coordenava em 2019 junto a comunidade espiritual Seicho-No-Ie. Na época da entrevista, N. nos relatou estar participando de quatro grupos distintos, o Guerreiros do Coração, o grupo Homens em Conexão, o Homens Essenciais e o grupo que coordenava a época - todos em Brasília, Distrito Federal.

Nos relatos de E. e N. percebemos aqui o grupo de homens atuando como uma espécie de complemento a prática psicoterápica. Na perspectiva transferencial psicanalítica, além da transferência com o sujeito de suposto saber haveria uma

transferência com os componentes do grupo. Ambas transferências, idealmente, se apoiariam e gerariam material a ser elaborado em um movimento dialético. A questão é a dificuldade de criar esse vínculo grupal, e o seu manejo, com pessoas tão diversas, como mostra o relato a seguir.

Segundo E. seu primeiro contato com o grupo de homens mencionado acima não foi uma boa experiência, experiência comum a outros três participantes. O entrevistado explicou em relação ao fato de faltar naquele primeiro grupo um homem "mais velho ou alguém que traga uma identidade para o que é o grupo". Além disso, o entrevistado apontou que neste grupo "tinha[-se] pouco contato realmente de se abraçar, de falar de questões mais que estão fora desta construção ideológica do que é o homem".

**E:** Então, a minha experiência inicial num grupo de homens não foi muito legal, pois eram uns caras que se encontravam para falar um pouco o que é ser homem, mas o que ficava muito não era exatamente este homem idealizado, este homem construído. (...) Outra coisa que foi difícil para mim e que eu me considero um homem com uma certa energia, com uma tendência que a gente chama de liderança. E aí tinha muito a força. uma questão de força... E aí eu sentia falta de encontrar um outro homem que me desse, digamos, que uma espécie de líder... de respeitá-lo pela presença dele, um lugar de ser um homem de referência. E aí eu soube do movimento Guerreiros do Coração. Eu já sabia um tempo do movimento, mas minha vida é guiada pela intuição. Então, eu tenho um aspecto espiritual e eu tomei a decisão de ingressar no Guerreiros quando chegasse algum convite. Eu aguardei um tempo do próprio campo até ali e veio o convite. Então eu fui para a palestra em 2015 e eu participei do Guerreiros do Coração em 2016.

Dito isso, identificamos na motivação dos participantes na procura por um grupo de homens um outro elemento, para além da crise pessoal: uma vontade de mudar modos de pensar, ser e agir como homens ou de estar entre homens num espaço de encontro alternativo aos espaços tradicionais de convivência masculina.

V. aponta que sempre percebeu uma certa dificuldade dos homens em expressar seus sentimentos e se abrirem ao diálogo comparado às mulheres. Na sua história os grupos de homens de que participava estavam sempre atravessados por assuntos superficiais, em geral, relacionados ao jogo, as mulheres e ao sexo. Faltava-se uma expressão mais profundo, do sentir, o que, segundo ele, passou a ser, em suas palavras "um objeto de estudo na minha vida". a partir desta percepção, V. tentou iniciar alguns movimentos de grupos virtuais através do WhatsApp, que, segundo ele, morreram.

**V:** E aí eu conheci alguns caras aqui em Brasília. (...) E aí a gente fez um grupo no WhatsApp com oito homens que o objetivo era a gente conversar. Então eu me juntei com esses homens para a gente conversar. O grupo começou

muito empolgado e o grupo foi deixando de conversar e falar, aqueles grupos que morrem, né? E aí um amigo me falou: oito pessoas e muito grande e fizemos um grupo de quatro pessoas. E aí o grupo no mesmo movimento: morreu também.

A fala que sentia necessidade de formar um coletivo com homens que estivessem a fim de conversar, para além dos estereótipos. Um amigo, dono de restaurante de culinária africana de Brasília, convidou-me para realizar uma primeira roda de homens negros durante o evento de celebração de aniversário do restaurante. No dia apareceram mais de 50 pessoas, entre homens, mulheres. No mês seguinte iniciaram as rodas mensais, voltada para homens negros.

F. fala que por volta de 2003 sentiu muita necessidade de estar num espaço de convivência masculina diferente dos que conhecia, como diz ele, “que é o espaço da cerveja, da conversa, do futebol”.

**F:** Um espaço que eu pudesse falar de sentimentos, dessas angústias que eu acabei de relatar, que eu pudesse trabalhar com elas e tal. Então em 2015 eu estava numa formação em constelação familiar e - eu acho que muito devido a esse chamado anterior [menciona a vontade de estar em espaços alternativos de convivência masculina]. O meu mestre de constelação me convidou a fazer parte com ele do grupo de homens que ele estava trazendo para Brasília. E foi quando eu comecei. E a partir daí isso começou a aparecer, ficar mais claro, ou ficar mais fácil para mim, participar de outros de homens. Antes eu tinha o desejo, tinha o pedido interno, mas eu ficava meio tímido. Eu acabava me envolvendo com outras desculpas: grana, sei lá, porque que eu vou para um grupo específico se eu posso ir para um grupo misto?

A partir das entrevistas, identificamos nas entrevistas que a procura por grupos por uma demanda pessoal por novos espaços, para cuidar de seus desafios pessoais ou mesmo para pensar novas formas de ser, agir e pensar como homens parece ser crescente. Um fato relatado por todos entrevistados é que o fato de homens se encontrarem para terem vivências, trocaram experiências, partilharem desejos e afetos foi alvo de estranhamento, desconfiança e até crítica por parte de outros homens, ou por parte de si mesmos.

Todas performances desautorizadas pela masculinidade hegemônica constituem justamente a praxe por excelência dos grupos de homens citados pelos entrevistados: a troca de afetos, a fala, a escuta, a troca de vivências pessoais e a participação de dinâmicas psicoterapêuticas. A comunhão masculina em espaços de convivências chamados pelos participantes de "tradicionais", tal como bares e jogos de futebol, em geral, parece ser permitida apenas até certo nível, o nível de conversas sobre temas impessoais sem expor ou revelar por demais o homem e suas angústias. Interessante notar que alguns

entrevistados mencionam que as mulheres já faziam encontros em grupos de modo a praticar a fala, a escuta e o acolhimento há muito tempo e que se inspiraram nelas para iniciar seu próprio movimento pessoal em direção a um grupo.

No entanto, apesar de ser uma performance proscrita, ocorre no país e no mundo um crescimento tanto em termos numéricos quanto em diversificação desses grupos. Indicativo que, talvez como as históricas e os históricos de Freud, homens contemporâneos possuem uma demanda estrangulada de fala.

### *II.III. Tipos de grupos de homens terapêuticos e temáticos*

Acerca dos tipos de grupos terapêuticos e temáticos existentes, embora as entrevistas nos permitam ter um olhar reduzido sobre um campo mais amplo, encontramos pelo menos dois tipos de grupos temáticos em relação às suas diretrizes como grupo: 1) um tipo de grupo, principalmente, grupos de pais, configuram-se como grupos voltados ao compartilhamento das experiências de vida sobre o tema específico a ser trabalhado; 2) um tipo de grupo temático, que tem como diretriz do grupo um viés de reflexão crítica sobre a construção de novos modos de ser, agir e pensar no universo masculino.

Os grupos temáticos de paternidade, segundo R., têm como objetivo resolver problemas práticos e emocionais no âmbito da vivência dos homens como pais. A intenção maior é a partilha e acolhimento. R. diz que "consegue falar bastante lá", demonstrando que valoriza a sua participação nos grupos como espaço de se abrir e falar - prática que, como vimos, tende a ser pouco estimulada na socialização masculina dados os imperativos do modelo hegemônico de masculinidade contemporânea.

**R:** Principalmente no de pais que não tem tanto aquele objetivo de desconstruir aquela masculinidade antiquada, ne. (...) O grupo de pais não tem essa parada de desconstruir esta masculinidade arcaica, e construir uma masculinidade possível, integral e mais saudável para si e para os outros.

Temos, também, um segundo tipo de grupo temático, que tem como diretriz do grupo um viés de reflexão crítica sobre a construção de novos modos de ser, agir e pensar no universo masculino, como é o caso da Roda de Homens Negros do Distrito Federal, que se configura como um grupo temático, por ter o enfoque nas masculinidades negras, sendo aberto apenas para sujeitos que se autoidentificam como negros. O grupo temático

de homens negros abarca uma proposta, em primeiro lugar, de reflexão sobre as relações raciais e o racismo sofrido por esses homens, e, em segundo lugar, de revisão de práticas masculinas.

V: "É uma roda bem específica, uma roda para homens negros. Então a gente discute a questão do gênero e da raça. Porque para nos homens negros a categoria homem genérica ela é uma categoria branca. Quando a gente em homem a gente não pensa nas especificidades desse homem. E aí o homem branco, enquanto padrão, enquanto detentor do poder, do patriarcado desta cultura falocêntrica, ele é um símbolo do ser homem. Então a gente tenta conversar sobre essas especificidades nossas enquanto homem negro".

No que tange aos grupos de viés terapêutico, por sua vez, tais grupos abordam o tema das masculinidades de modo mais amplo sem um enfoque temático, como é o caso do Homens em Conexão e Guerreiros do Coração. Neste enfoque mais amplo, percebe-se, no discurso dos entrevistados e nos sites de ambos grupos, um princípio de organização que privilegia o que chamam de construção de masculinidades saudáveis. Os entrevistados relatam participar de vivências corporais, que envolvem a reunião de muitos homens presencialmente ou virtualmente juntos, bem como de rodas de conversa em que a partilha é bastante estimulada. Vejamos mais sobre os formatos de organização dos grupos analisados.

### *II.III Formatos de organização dos grupos de homens terapêuticos e temáticos*

Um dos temas que aparece recorrentemente nas entrevistas é o formato de organização dos grupos de homens temáticos e terapêuticos. Classificamos tais formatos no que tange a como ocorre o contato entre os homens: (1) em termos de metodologia; (2) em termos de contato, se virtual ou presencial.

De modo geral, cada grupo tem métodos próprios de funcionamento, embora algumas práticas sejam comuns a todos, como é o caso da roda de conversa e o estímulo a partilha, diante de acordos que envolvam o sigilo e a participação exclusiva de homens adultos.

Sobre a metodologia de funcionamento dos grupos, identificamos dois principais formatos metodológicos principais nos grupos coordenados pelos entrevistados: 1) grupos que realizam rodas de conversa e vivências terapêuticas; e (2) grupos que realizam apenas rodas de conversa

Em primeiro lugar, os grupos que realizam vivências terapêuticas e rodas de conversas, praticam as vivências terapêuticas a partir de abordagens variadas. Alguns realizam atividades reflexivas com o uso de papel, caneta e desenho; outros realizando também práticas corporais baseadas em psicoterapias corporais e outros ainda realizam práticas de cunho xamânico ou espiritualista.

Sobre tais práticas de cunho xamânico, dentre os grupos citados pelos entrevistados, o movimento Guerreiros do Coração é o único a realizar o que chamam de "ritual". Segundo E., a prática ritual é fundamental nesse projeto e está ausente nos demais trabalhos de cunho terapêutico que conhece.

E: De 2015 para cá eu percebi uma transição de grupos de homens [refere-se a grupos terapêuticos] que se reúnem para falar do homem que é idealizado, que tem alguma coisa ali de contato com o corpo. Contudo, eu percebo a distinção do Guerreiros pelo fato de ter um ritual de passagem. De alguma maneira, eu sinto uma distinção desses homens que passaram pelo ritual. Não só homens de Brasília, mas homens do Guerreiros de outros lugares.

Dentre os grupos que realizam metodologicamente apenas rodas de conversa, dentre os relatos de nossos entrevistados, temos a Roda de Homens Negros. Em 2019, a Roda ocorria quinzenalmente com uma média de 25 a 30 participantes por encontro, todos participantes assíduos. V. conta-nos abaixo o protocolo de funcionamento de cada encontro da Roda de Homens Negros.

V: A gente chega, dá as boas vindas, faz uma rodada de apresentação. Pede para as pessoas que estão indo pela primeira vez dizer como que chegou ali, de onde que veio. A gente estimula que, depois disso, as pessoas levem livros de autores e de literatura negra para estimular a leitura entre os membros. Passa-se estes livros. Os membros anotam, tiram foto. Logo depois disso, temos o protocolo, o contrato: o do sigilo, da necessidade do não julgamento, e o que a gente falar ali, que fique ali. Não espalhar, não colocar no facebook, em nada. Para preservar o espaço de confiança. Por que ali as vezes a acaba sendo para alguns membros que falam de coisas muito íntimas. Brasília por ser um lugar pequeno em relação a outras cidades a gente tem um perigo maior dessas histórias vazarem. Depois disso, o facilitador da roda, explana o tema, e abre a fala. Aí os participantes começam a falar do tema. Alguns integrantes tem um viés mais acadêmico, traz pesquisas, traz estudos. A gente, os moderadores, facilitadores da roda, são umas cinco pessoas, que já tem a expertise de mediar uma roda. A gente sempre está conversando e sempre fazendo a ressalva de que o academicismo, a pesquisa é importante, mas que aquilo ali é um espaço para história de vida. Então, para que o academicismo não iniba aquele cara que não ta na academia e que só quer falar a vida dele. Então, a gente está fazendo essa ressalva para deixar todo mundo a vontade, né. Basicamente isso. Tem duração de 3 horas a toda também.

Embora a grande maioria dos grupos realize encontros presenciais constantemente, em geral, todos possuem algum grupo virtual, principalmente, via WhatsApp. Segundo os entrevistados, as vantagens dos grupos virtuais se dão no fato de que eles permitem um contato entre pessoas de todo o Brasil. Além disso, permitem diálogos, reflexões, que podem ser elaborados com o tempo, favorecendo um espaço racional de ideias, tal como expressa R. no trecho abaixo.

**R:** Eu participo de três grupos. Guerreiros, Homens em Conexão, que eu só participo do virtual, eu não vou nos encontros. E participo de dois de paternidade: um de Brasília e um nacional. A diferença do virtual. Tem prós e contras em ambos. O pró do virtual é que as conversas ficam ali e tem um maior alcance geográfico. Elas ficam ali, no sentido de que eu posso ler e reler, eu posso guardar, sacou. Eu posso não responder naquele instante. Eu posso elaborar. (...) E o espaço geográfico, então, tem 'nego' do Brasil todo. Então você o gaúcho se comportando e o pernambucano. Da para ver que há uma diferença.

Os grupos que se encontram presencialmente favorecem, principalmente, o contato e a troca de afetos, que parece subverter corporalmente a rigidez ou embotamento masculino<sup>6</sup> entre os homens, desassociando "abraços" ou encostar a pele em outro homem de contatos vistos como de ordem sexual-afetiva ou homoafetiva.

**R:** Eu vejo bastante respeito em ambos, tanto no virtual quanto no real. Já o ao vivo tem aquele contato, olho no olho, encostar um no outro... quebrar as barreiras que o virtual não permite, po. Então, aonde é que eu ia abraçar um homem há uns dois anos ou três anos, po. Eu não ia. A parte que eu mais gosto e estar com a galera, ficar olhando, encostar, as dinâmicas. O real [refere-se ao presencial] proporciona isso. No real é tudo instantâneo, ne? Teve um momento para falar, não falou, perdeu. Eu consigo falar de mim mesmo sem ser criticado.

#### *II.IV. Aspectos construtivos na experiência dos entrevistados em relação aos grupos de homens terapêuticos e temáticos*

Um tema ainda a ser abordado nesta discussão, com incidência nas falas dos entrevistados, diz respeito a sua avaliação sobre os aspectos construtivos na sua experiência em relação aos grupos terapêuticos e temáticos. Segundo os entrevistados, o grande aspecto dos grupos de homens de que participam dizem respeito a possibilidade do compartilhamento de experiências dolorosas, vivências comuns e do acolhimento pelos participantes através da fala e da escuta.

---

<sup>6</sup> Dificuldades em expressar, entender ou identificar emoções e sentimentos.

O tema do "se abrir" através da fala evoca a subversão de uma performance masculina considerada muito comum, o silenciamento das emoções e memórias desafiadoras. A fala em grupo, sem interrupções, parece, assim, ser colocada como um fator positivo na experiência dos participantes/coordenadores de grupos de homens entrevistados, tal como fica explícito na fala de R.: "Em todos os três grupos que participo [refere-se a Guerreiros do Coração, Homens em Conexão e grupo de pais] eu consigo me abrir bastante".

N., que afirmou em 2019 estar participando de quatro grupos de homens ao mesmo tempo, afirmou que um elemento comum aos grupos que considerou positivo, a seu ver, é a roda de conversa.

**N:** Eu acho que o ponto comum é a roda de conversa [refere-se aos grupos Guerreiros do Coração, Homens em Conexão, Homens Essenciais e grupo Fraternidade]. E a conversa ampla, franca, aberta, onde podemos demonstrar a nossa vulnerabilidade. (...) Então, eu acho que a grande vantagem de participar de um grupo deste é a possibilidade de se mostrar e aprender com as histórias dos outros.

A partir desses relatos, no que diz respeito aos aspectos construtivos na experiência dos entrevistados em relação aos grupos de homens terapêuticos e temáticos, ao nosso ver, a partilha nas rodas de conversa parece ser um mecanismo de solução aos problemas que os entrevistados entendem como convencionalmente como problemas masculinos: separação conjugal, desemprego ou problemas financeiros, desafios no campo da sexualidade, machismo, entre outros. A esse respeito F. diz o seguinte:

**F:** Acho que nesse sentido a partilha é o que mais destaca, porque trabalhos terapêuticos podemos fazer em qualquer contexto. Trabalho em grupo sempre mexe e a sempre acaba deixando aparecer. Mas esse momento da partilha é muito rico para os grupos de homens, porque eu falo: "Uou, eu sinto a mesma coisa!" Tem coisa, sensações parecidas, angústias parecidas, problemas parecidos, e às vezes você houve no outro como ele está lidando...aquilo te traz uma reflexão interna, possibilidades. Então eu acho que é muito importante isso, né. Este espaço do compartilhar pode ser às vezes muito sutil. De repente surgem coisas espontâneas, as vezes até silenciosas. As vezes só de ver movimentos de homens, como um outro homem está se relacionando com outro homem, com a natureza, com o ambiente, por si só já é um ganho.

Dessa forma, consideramos que, apesar de orientações e vertentes múltiplas, todos os grupo de homens citados parece operar um dispositivo de fala sobre experiências de vida, desejos, frustrações. Assim, um laço social é forjado com base no grupo, identificações são realizadas, transferências construídas e manejadas, redes de suporte constituídas (YALOM & LESZCZ, 2006). A maioria dos participantes destacou como espaços masculinos dessa natureza e formato ainda são raros na sua vida cotidiana.



Um outro fator que nos chama atenção nos relatos dos entrevistados diz respeito a avaliação positiva sobre a escuta dos pares em relação a sua fala não ser acompanhada de críticas ou chacotas. O ato de "ser criticado", segundo Zanello (2018), é uma experiência comum na vivência de muitos homens em relação às mulheres e, principalmente, em relação a si mesmos, diante de um paradigma da competição e a convivência constante com falas e práticas de homens que visam reduzir um outro homem diante dos demais. Ser escutado sem ser criticado foi uma prática vivenciada e abordada nas entrevistas, tanto nos grupos temáticos quanto nos grupos terapêuticos, que parece abrir espaço para o contato com a diversidade de experiências masculinas que de outra forma não seria possível.

**R:** O que me toca muito e ouvir o relato dos outros, tanto aqueles que me caem como uma luva, quanto aqueles que eu nunca vivi, mas que acho que não vou viver, ou até que eu discordo totalmente, mas é legal saber que tem pessoas muito iguais a mim, que vivem as mesmas dores que as minhas. E tem pessoas que sofrem com outro assunto, que, para mim, seria um prazer. Então, ver esta diversidade, esta igualdade no mesmo espaço, para mim é fantástico.

Ao nosso ver, do ponto de vista psicanalítico, quando os participantes relatam poder elaborar dores e "se abrir", o que parece estar em jogo é a criação de um espaço de elaboração de algum trauma. A teoria do trauma nos ensina que o sentido do trauma só pode ser dado a posteriori, é preciso uma outra cena para que este se insira na gramática pessoal do sujeito. Ao falar e escutar, os grupos de homens oferecem a possibilidade desse segundo momento, um formato particular, contudo que porta certa analogia, a tríade clínica recordar, repetir, elaborar.

Ao abordamos o tema da fala e escutas masculinas nos grupos de homens analisados, reportamo-nos ao nascimento da clínica com a cura pela palavra de Bertha Pappenheim. Silva e Machado (2012), em estudo sobre a escuta masculina na prática psicanalítica, mostram que a primeira barreira a ser superada é justamente a mais básica: a resistência de muitos homens em procurar um psicólogo. Além dos estereótipos tradicionais que a prática psicoterápica porta consigo, no caso masculino ganham um novo nível ao se colocaram como uma ameaça a fantasia de um homem que tudo suporta e consegue lidar, o hollywoodiano *strong silent type* (SIQUEIRA,1997). Assim, grupos de homens seriam uma solução de compromisso onde há também uma fala e uma escuta que, apesar de ordem técnica e ética completamente distinta da clínica, auxiliam a organização de afetos, legitimam experiências, forjam laços e oferecem suporte.

Bion (1975), ao estudar os fenômenos grupais e suas dinâmicas internas, pensa a premissa de que um grupo em sofrimento trata de si enquanto coletivo, o foco não são neuroses individuais, mas sim as do grupo. Assim sua base é a transferência, um dos alicerces da clínica psicanalítica. Nesse enquadramento bioniano, podemos pensar as transferências que ocorrem nos grupos de homens como o motor dessa dinâmica de partilha.

Ao transferir identificações e projetar aos outros participantes elementos internos, fantasias são suportadas, mas ao mesmo tempo desveladas. A dinâmica possibilita discuti-las e, idealmente, ressignificá-las em um espaço percebido como seguro e acolhedor pelos membros. Ainda que fora do *setting*, essa transferência selvagem (LACAN, 1962-1963/2005) tem, segundo os entrevistados, efeito transformativo. Em termos psicanalíticos, podemos pensar como um esforço de desalienação perante o discurso do Outro, sua política de desejos e suas imposições superegóicas.

### **III. ENTRE A MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E UMA POSSÍVEL TRANSFORMAÇÃO EM CURSO**

Uma das grandes intenções desta pesquisa se relaciona a perceber como e quanto os grupos de homens geram (ou não) novas práticas ou reconstruções na vida dos participantes em relação a performances provocadas por traços relacionados à masculinidade hegemônica, tais como machismo, violências, embotamento emocional, etc. Os participantes foram perguntados sobre os sentidos que dão a termos como masculinidade tóxica e virilidade, bem como o quanto os grupos de homens que fazem ou fizeram parte lhes possibilitaram alguma reflexão e mudança no que tange a performances masculinas geradoras de mal-estar a si mesmos e aos outros.

#### *III. I. A percepção dos participantes sobre os termos masculinidade tóxica e virilidade*

Acerca de como a temática das masculinidades vem ganhando as redes sociais, textos jornalísticos e debates acadêmicos, os participantes foram questionados sobre o uso do termo "masculinidade tóxica", que tem sido bastante utilizado nos dias atuais em diferentes meios. Segundo pesquisa divulgada pelo dicionário Oxford, em 2018, o termo

“tóxico”, seguido do termo “masculinidade”, e, em terceiro lugar, do termo “masculinidade tóxica” foram os termos mais usados e buscados na internet naquele ano. Desde então o termo masculinidade tóxica continua sendo bastante usado.

Para R. o uso dessa noção, em geral, é visto como negativo e até como uma afronta ou não reconhecimento à importância dos trabalhos de grupos de homens por parte dos entrevistados.

**R:** Eu não gosto de chamar masculinidade tóxica, não, cara. Eu tenho é raiva desta expressão. (...) Eu penso que a sociedade chegou até aqui por causa deste jeito masculino que a gente fala "tóxico". Foi defendendo com armas, com agressividade mesmo, a casa, as fronteiras, foi conquistando ou então não deixando ser conquistado. E isso hoje, em virtude do âmbito social, da nossa segurança, do nosso material, foi ficando meio desnecessário, sacou? Então, a gente tem que desconstruir esta masculinidade que eu chamo de arcaica e dar mais espaço para novas possibilidades. Mas também eu não concordo que eu vou "cuspir no prato que comeu", sabe? Eu vejo ali nos grupos, alguns, falando: Ah, mas as mulheres foram, desde o início dos tempos elas foram massacradas e agora chegou a vez delas"

Para E., por sua vez, a noção de masculinidade tóxica, embora seja muito abordada na internet, não é compreensível.

**E:** A masculinidade tóxica ela tá presente na sociedade, uma coisa que tá aí, que está também nas mulheres e não nos homens. A ideia de masculinidade tóxica e mais uma coisa que nós criamos aí que tá na sociedade e que é nosso isso, não é só dos homens. (...) É um conceito que eu sei que tem na internet, mas que eu não consegui compreender.

Do mesmo modo muito próximo a E., F. aponta uma dificuldade com o termo, descrevendo-o como um rótulo que seria esvaziado de sentido, mas que também seria usado para obstruir diálogos.

**F:** Na verdade eu tenho uma dificuldade com esta palavra, está masculinidade tóxica. Ela parece muito mais um rótulo. Um rótulo e totalitário no sentido de totalizar, não é no sentido político. E mais no sentido de dar um rótulo mesmo definitivo, sem muita substância. O que que é isso? São comportamentos pouco empáticos do homem? Eu acho terrível. E como se eu tivesse junto com a bandeira e a sociedade e bandeira: "Fora, masculinidade tóxica!" Mas por conta desta natureza obscura, que rotula, ela não diz muita coisa. Acaba sendo uma maneira de acusação pouco construtiva. Por exemplo: se uma mulher ou mesmo um homem chega para mim e fala sua masculinidade e toxica. Eu primeiro eu falo está me acusando, mas sei que e alguma coisa ruim, por isso eu falei terrível. Mas o que eu faço com isso? Qual e o comportamento que esta ruim? E quando você rotula você obstruiu o diálogo.

De uma perspectiva psicanalítica, ao nosso ver, a negação ou incompreensão do significante tóxico parece ser reveladora, pois trata-se de um mecanismo de defesa. Freud

(1925/2011) pensa que “a negação é uma forma de tomar conhecimento do que foi reprimido, já é mesmo um levantamento da repressão, mas não, certamente, uma aceitação do reprimido” (p. 250). A negação é suspensão do recalque, ainda distante de ser seu retorno, que permite a ideia adentrar momentaneamente na consciência em um plano puramente intelectual. Negar expõe, portanto, o que gostaria de ser recalcado e ainda não foi. Assim, ao negar acriticamente a “toxicidade” em potência presente na identidade masculina, os entrevistados acabam justamente por revelá-la. O Eu se defende negando e projetando ao exterior um atributo interior.

Por outro lado, a maioria dos entrevistados, no entanto, não questionam a categoria "masculinidade tóxica". Tal como interpretamos, o termo, para esses homens, seria a expressão do resultado final de atitudes e ideias no âmbito da masculinidade hegemônica que fazem mal aos outros e a eles mesmos, tal como expressa N.

**N:** Me vem agressividade que vem da insegurança, né, aquela agressividade que, de repente, pode gerar até a morte. Masculinidade tóxica tem haver, para mim, com essa agressividade. Na verdade, o motivo é insegurança, a carência, alguma situação mal resolvida, provocando de alguma forma o mal a outras pessoas.

O tóxico assim é visto pelos entrevistados como algo que faz mal aos outros e ao próprio sujeito. Ao nosso ver, tal noção teria haver com performances masculinas orientadas pelas práticas e ideias do modelo hegemônico, que envolve violência e dominação. Podemos ver esta interpretação do termo nas palavras do participante V.

**V:** Para mim a primeira coisa que vem na minha cabeça são os hábitos apreendidos que precisam ser conscientizados, que fazem mal às pessoas que estão próximas de mim e, principalmente, fazem mal a mim mesmo.

Interessa-nos entender como o termo “tóxico” pode vir a expressar muitas coisas no imaginário social. Ao que tudo indica, o termo aponta para um tipo de “veneno cultural” que atravessa instituições e práticas muito comuns na nossa cultura: a violência sexual e doméstica, por exemplo, com efeitos perversos na saúde mental de quem as sofre. No que tange a saúde mental masculina, o tóxico da masculinidade parece ser o resultado de imperativos sociais que gera adoecimento na vida dos homens, ou comportamentos que nublam, silenciam, obstruem, fazem sofrer.

O termo "tóxico" expressaria, ainda, uma associação ao alcoolismo e a drogadição, fenômenos bastante associados ao universo masculino (FIOCRUZ, 2017).

Além disso, o termo indicaria algum tipo de contágio, ou seja, comportamentos negativos que seriam compartilhados entre homens numa certa cumplicidade. Dessa forma, comportamentos violentos que são passados de pais para filhos ou sustentados entre grupos de homens poderiam ser vistos como resultado de camaradagens “tóxicas”.

São estes tipos de efeitos sociais e psíquicos que os entrevistados parecem observar nas suas vidas como "efeitos negativos", ou "tóxicos", embora nem todos concordem com uso da expressão "masculinidade tóxica", por alegarem que ela engessaria ou essencializaria a visão sobre o que é masculinidade.

Como vimos acima, na literatura acadêmica sobre gênero e masculinidades muito se utiliza do termo “masculinidade hegemônica, termo cunhado por Raewyn Connell na década de 1980. Segundo a autora, as múltiplas masculinidades variam ao longo do tempo, da cultura e do indivíduo. Expressam-se, assim, a partir da hegemonia de um determinado modelo cultural sobre o que é ser homem em uma determinada época. Por isso, a utilização do termo masculinidade hegemônica. Este modelo se sobrepõe a outros modelos subordinados, que autora chama de “masculinidades subordinadas”.

Segundo alguns participantes da pesquisa, embora concordem que seja necessário não generalizar que toda masculinidade é tóxica, ou que todo homem se expressa apenas de modo tóxico, é importante reconhecermos a importância do termo “masculinidade tóxica “e incluirmos todo e qualquer sujeito como potencialmente praticante de tal masculinidade, inclusive, as mulheres. E. relata no trecho abaixo uma experiência que considera ter sido agenciada por uma mulher performando um atributo, segundo ele relacionado a masculinidade tóxica, o abuso sexual.

**E:** Eu também tive uma experiência recente com as mulheres que tem haver com a masculinidade tóxica. Eu sofri uma experiência de abuso, em que fui tocado por uma colega de trabalho. Ela tocava os seios nas minhas costas. E era uma pessoa que, para o padrão lá, era uma pessoa bonita. Eu não me interessava. E eu ouvi assim: "Mas como assim, você não é homem não?" Algo que... para ser homem necessariamente precisa ter interesse por sexo no momento em que qualquer mulher esta afim de se relacionar. Eu vejo isso também como "masculinidade tóxica"

Faz-se importante uma ressalva em relação ao fato de que o abuso sexual praticado por homens contra mulheres tem maior incidência e impacto social, tal como apresentamos na Introdução. De todo modo, interpretamos a fala de E. como uma lembrança de que masculinidades são construções culturais que atravessam todos sujeitos e instituições de nossa sociedade.

**V:** Hoje eu não consigo desassociar raça dos temas que fazem interface a gênero, classe. Então, eu não consigo mais desassociar. Para mim raça é um conceito estrutural na história de formação da sociedade brasileira. Raça não é um recorte, e uma estrutura que perpassa diversos recortes na nossa história como sujeito brasileiro. Estou falando isso porque? Porque quando eu falo dessa minha forma de pensar e você me traz o conceito de "masculinidade tóxica", eu fico pensando se não fosse interessante pensar para os homens negros "masculinidade intoxicada" é não toxica. Porque o homem negro chega aqui no Brasil, a história da masculinidade negra no Brasil é muito específica. Esse homem ele chega enquanto produto animalizado, retirada dele qualquer indício de humanidade. Assim a história vai forjando este sujeito. Temos 388 anos de escravidão, temos estupros, logo depois uma falsa abolição, que já vem com algumas leis enviesada para o aprisionamento desses homens, dessas mulheres também, e hoje vemos aí um grande genocídio da população negra, acompanhada de um encarceramento em massa dessa população. Então, falar de "masculinidade tóxica" para este recorte da população masculina, eu acho um pouco descabido. Eu fico pensando se está forma do corpo negro estar no mundo não foi intoxicada, ao invés de encarar o homem negro como tóxico.

V. fala que os homens negros são estereotipados socialmente como ladrões, bandidos, estupradores, violentos e como fora dos padrões de beleza socialmente compartilhados. Dessa forma, incluir a experiência subjetiva dos homens negros no âmbito do termo masculinidade toxica seria, segundo ele, descabido. Para ele, o termo caberia mais se usado para os homens brancos. Note-se que o entrevistado aponta amplo conhecimento do debate sobre interseccionalidade entre gênero e raça, que academicamente é fruto do debate dos feminismos negros das décadas de 1970 e 1980 (PISCITELLI, 2009).

Além do termo masculinidade tóxica, perguntamos sobre qual o sentido da palavra "virilidade" para eles, os entrevistados responderam o seguinte. Com exceção a R. e N., que consideram ter o termo uma conotação positiva, os demais entrevistados apontam que o termo estaria relacionado a uma idealização das performances masculinas que geram efeitos negativos para todos.

**R:** Virilidade e, sei lá, cara, eu não uso esta expressão. Ela é um atributo do masculino benéfico, que seja do masculino, mas reprodutivo, mais sexual. Acho que é por aí.

V., por sua vez, indica a ideia de virilidade como sendo associada a dominação masculina.

**V:** Uma coisa que discutimos na Roda de Homens Negros. Os homens que estão ali eles são exceção. Eles não são a regra. A regra [refere-se aos homens negros] está dentro do ônibus agora, está nas penitenciárias agora,

infelizmente, está em Ceilândia, esta na Estrutural, esta em Sobradinho.<sup>7</sup> Nós somos a exceção. A gente se provoca muito da nossa fala conseguir chegar no seu Joãozinho da cidade Estrutural e ele entender o que estou falando. Nesse sentido, virilidade para mim ela está ligada a potência que o macho acha que ter. A potência sexual, a potência de atitude, de mandato e submissão do outro. Se eu falar isso, o seu Joãozinho da Estrutural vai entender. Agora, se eu falar como estudioso dessas questões, eu entendo que a virilidade é fruto de uma história. Uma história que começa lá nas épocas antigas, na Renascença, e tudo isso, a mídia, o cowboy da Marlboro, o homem que fuma, elegante, anúncios de bebida, tudo isso forma o que gente tem hoje como virilidade. É algo mais complexo ser viril. É uma coisa tão arraigada que nos casais homossexuais isso se repete.

E., de modo próximo a V., fala da virilidade em termos de dominação masculina, mas apontando a eficácia sexual masculina como um elemento central evocado pelo termo.

**E:** Virilidade me vem como outro atributo. Um homem que está sempre pronto ao sexo, abriga, sei lá, algo assim, que está fora do natural. Eu diria que é uma forma de criar uma espécie de super-homem, assim. É um atributo inventado do homem idealizado.

A identificação com o significante, no caso virilidade, é o que fornece sentido e determina posições discursivas do sujeito. Além, ela mobiliza afetos e articula laços sociais. Dessa forma, os distintos significados dados ao significante da virilidade são pistas importantes de como o sujeito entende e elabora seu desejo.

### *III. II Teriam os grupos de homens um efeito individual e social transformador?*

Um outro fator muito abordado pelos participantes é o fato empírico de que existe em curso um movimento crescente de criação e desenvolvimento de grupos de homens terapêuticos e temáticos com diferentes metodologias e diretrizes. Este movimento é analisado como importante e necessário, e avaliado por todos os entrevistados como produtor de resultados propositivos, em termos individuais e coletivos. Dito isso, a pesquisa nos permitiu problematizar se a participação de homens em grupos de homens terapêuticos ou temáticos teria um efeito transformador nos participantes, no sentido de contribuir com algumas mudanças de hábitos, bem como a expressão de sentimentos e experiências difíceis num espaço de trocas que visam ser mais horizontais do que na maioria das interações masculinas sociais padronizadas em nossa cultura contemporânea.

---

<sup>7</sup> Cidades satélites do Entorno do Plano Piloto, no Distrito Federal. O participante refere-se a tais localidades para expressar a vulnerabilidade socioeconômica dessas cidades satélites e a marginalidade social que interage com a localização territorial dessas cidades, a margem do Plano Piloto de Brasília, capital do Brasil.

Por um lado, interpretamos na fala de alguns participantes uma posição otimista em relação ao efeito transformador dos grupos de homens em relação a problemática social do machismo e em relação a mudanças de comportamentos masculinos ancorados na masculinidade hegemônica contemporânea e que pode ter efeitos sociais e individuais negativos. Nessa corrente, N. foi o mais otimista dos entrevistados. Segundo ele, as rodas de conversa praticadas nos grupos de homens temáticos e terapêuticos teriam o potencial de "curar" a sociedade.

**N:** A gente tentar levar estas rodas de conversa... A gente vai formando rodas de conversa, a gente curando a sociedade, não só nas escolas. Onde houver homens, eu acho que deveria ter um grupo de homens para conversar. A gente vai curando a sociedade.

O participante, embora tenha usado o termo "curar", não explicitou em relação ao que, mas de acordo com sua fala acerca da masculinidade tóxica, que teria como prática central a violência e agressividade; tudo indica que ele estaria falando de curar tal violência praticada pelos homens ou em nome da masculinidade. É interessante problematizarmos, no entanto, que o participante não demonstrou conhecer a existência das centenas de grupos reflexivos voltados para autores de violência, que já realizam a décadas tal trabalho.

Por outro lado, como vimos nos relatos dos entrevistados, nem sempre a vivência nos grupos parece surtir um efeito transformador no sujeito participante, muito menos em âmbito social. O relato de E. sobre sua experiência em um grupo de homens aponta para este tipo de possibilidade que se pretende transformadora, mas que tende a reforçar aspectos corriqueiros, tais como a associação da socialização masculina ao uso de álcool, a fala centrada em relatos sobre as mulheres e a racionalização excessiva e desconexão com sentimentos.

**E:** O local do encontro que nós escolhemos virou um bate papo. O lugar de encontro entre homens em geral seria um bar "pé sujo". Lugar de homem se encontrar e num lugar, entre aspas, "pé sujo", ou seja, grosso, bruto, que foge da delicadeza. Então tem que ser um local, um espaço de encontro de homens. Uma outra coisa que me incomodou muito era falar das mulheres. Era um grupo de homens em que boa parte da pauta era a dificuldade de lidar com mulheres. Então, eu tive uma certa dificuldade. Além disso, um dos participantes estava fazendo doutorado e trazia textos complexos, coisas que eu até poderia entender, mas ia precisar de um tempo. E aí não ficou legal, muito chato, papo chato, dar uma descrição ideológico de atributos ideais do que é ser homem e a gente conversava pouco.

Nossa análise indica que um olhar otimista para os grupos de homens como potencialmente transformador do sujeito, principalmente, no que tange a atitudes



machistas, bem como transformações mais amplas, em nível social, deve ser bastante relativizado. A partir da fala dos participantes, parece-nos mais prudente entendermos os grupos terapêuticos e temáticos para homens como grupos de acesso limitado a algumas camadas sociais da população. Alguns deles envolvem custos financeiros de participação, possibilitando, em geral, homens das classes média e alta acessarem esses serviços.

Ao nosso ver, os grupos de homens analisados, enquanto sujeitos coletivos, estão, por óbvio, inseridos no mesmo tecido discursivo e regime de afetos que seus membros, não estando imunes aos mesmos imperativos. Percebemos que muitas das reflexões geradas no interior dos grupos resultam em uma masculinidade acrítica de seus privilégios, dado que homens e mulheres são constantemente colocados em status de igualdade. Os conteúdos performáticos e fantasmáticos das masculinidades hegemônicas viris estão profundamente arraigados em muitos participantes e por isso vazam, contaminando os grupos, os quais se tornam reprodutores dos mesmos conteúdos. Nessa dinâmica, o sentimento de empatia e acolhimento ao sofrimento alheio produz um efeito perverso ao legitimar certas concepções no lugar de desconstruí-las criticamente. Ao ocorrer a transferência selvagem sem o devido o manejo, as neuroses individuais dos participantes se sustentam.

Pensamos que uma das operações do patriarcado atual é se apropriar de um discurso de igualdade liberal e de equivalência de papéis sociais para minimizar ou mesmo apagar as ainda profundas diferenças sociais entre homens e outras expressões de gêneros.

Recorremos a psicanálise para compreender o equívoco de considerar esses imperativos viris-laborais como meros fardos a serem suportados, um simples roteiro indesejado a ser performado. Há um gozo narcísico em realizar tais performances impostas pelo Outro, seja da esposa devota na posição feminina padrão, seja do homem viril na masculina, por exemplo. Trata-se de gozar ao se enquadrar perfeitamente no ideal do eu, gozo este que se torna sustentáculo das performances.

Ser possuidor de um objeto, uma posição ou uma potência hipervalorizada pela sociedade torna-se uma busca ilusória para reinstaurar o falo castrado. Filhos, alto cargo, desempenho sexual funcionam como tampões a essa falta primária do sujeito. Assim, não se trata de uma simples imposição discursiva e performática onde somos passivamente

soterrados por gestos estilizados mandatórios, não é somente uma alienação completa infringida a multidão de mulheres e homens infelizes. São, ao contrário, destinos intensamente desejados por muitos devido às suas possibilidades de gozo e sua posição eminentemente fálica (KEHL,2016).

O desajuste gerador da crise de masculinidades reside na pobreza simbólica da inscrição do desejo masculino. Uma limitação de sentidos e possibilidades de gozo, dessa maneira responder a uma demanda monolítica de virilidade do Outro torna-se o único percurso possível a ser seguido.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos importante afirmar, que, sim, grupos de homens terapêuticos e temáticos constroem possibilidades de ressignificação de processos pessoais que envolvem o cuidado de si e a construção de performances masculinas alternativas ao modelo hegemônico de masculinidade contemporânea. Os relatos dos participantes são bastante positivos sobre as experiências nos grupos de homens que coordenam e participam no sentido desses grupos lhes ajudaram a rever atitudes e a se integrar com outros homens de modo que consideram mais “saudável”, em comparação aos modos como aprenderam.

Uma importante ponderação a ser feita em relação a experiência de homens em grupos de homens terapêutico e temáticos diz respeito a ausência, em alguns grupos, de debates críticos sobre temas sensíveis sobre masculinidades e em alta na esfera pública contemporânea, tais como o machismo e seus efeitos homofóbicos, sexistas e transfóbicos e a violência contra as mulheres. Para algumas autoras, como é o caso de Zanello (2018), os grupos de homens perdem uma grande oportunidade de revisão ética no universo das masculinidades, tendendo a atuar no âmbito das carências e vulnerabilidades individuais dos seus participantes e não alcançando efeitos de transformação cultural mais ampla. Isso, segundo a autora, favorece uma certa cumplicidade negativa entre os homens, dado que diante de relatos de atos ou ideias machistas os demais participantes do grupo tendem

a não criticar abertamente o seu par, contribuindo para uma reprodução das lógicas de poder masculinas.

Além do dito, deduzimos de nossas, em termos psicanalíticos, que as fantasias e as performances decorrentes de uma identidade masculina baseada no desempenho sexual e na capacidade de provimento são por demais limitadas simbolicamente para darem conta de toda complexidade e heterogeneidade da identidade masculina. Quando interpeladas por transformações sociais, sua integridade narcísica não resiste e ameaça colapsar, uma crise se instaura. Ato, de massacres a abusos domésticos, são, então, realizados em resposta às demandas do Outro, buscando reforçar a estrutura narcísica abalada com performances extremadas de uma suposta virilidade.

A possibilidade de alargar o discurso do Outro inserindo novas significantes no registro simbólico surge como uma alternativa a essa crise. Abre-se espaço para novas fantasias e novas performances e interrompe-se o enrijecido circuito performance-fantasia-performance. Os grupos de homens atuam precisamente nessa insuficiência dos significantes constituintes da ideia/ideal de homem. Os grupos, ao subverter performances cristalizadas, ao trazer em algum nível tais fantasias à consciência e ao propor reflexões sobre as performances de virilidade, podem ser valioso suporte para essa ampliação discursiva e uma conseqüente transformação social. Contudo, é preciso reconhecer suas limitações e suas reproduções de forma clara. Uma percepção crítica dos privilégios masculinos se impõe como necessária para uma função social mais ampla de tais grupos.

Por fim, concluímos afirmando que a pesquisa carece de aprofundamentos em tópicos que surgiram nas entrevistas, tais como a relação entre as mulheres e os grupos de homens, bem como numa escuta mais ampla de mais participantes e coordenadores de grupos de uma variedade maior de grupos. Tais lacunas se tornam, então, indicações para pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALONSO, Angela. **Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução**. IN: **CEBRAP. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo**. São Paulo: Sesc São Paulo/SEBRAP, 2016.
- ALMEIDA, Miguel Vale. **Masculinidade**. Verbetes no Dicionário da Crítica Feminista. IN: MACEDO, Ana Gabriela & AMARAL, Ana Luísa Porto: Afrontamento. 2005. pp. 122-123
- ALMEIDA, Ronaldo. **Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica**. In: Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo. Sesc/CEBRAP. São São Paulo, 2016. Pp. 60-72
- AMBRA, Pedro Eduardo Silva. A noção de homem em Lacan: uma leitura das fórmulas da sexualização a partir da história da masculinidade no Ocidente. Dissertação para obtenção do grau de Mestre. USP, 2013.
- ANDRADE, A. P. M. **(Entre)laçamentos possíveis entre gênero e saúde mental**. In: ZANELLO, V. ANDRADE, A. P. M. (Org.). *Saúde mental e gênero: diálogos, práticas e interdisciplinaridade*. Curitiba: Appris, 2014. p. 59-77.
- BARBIERI, T. **Sobre la categoría género: una introducción teórico-metodológica**. In: RODRÍGUES, R. (Ed.). *Fin de Siglo: género y cambio civilizatorio*. Santiago: Isis International, 1992.
- BARDIN, L. (1997). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BARTH, Fredrik. **A análise da cultura nas sociedades complexas**. Em: O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000
- BAUMAN, Zygmunt. **No Começo era o projeto: ou o refugio da construção da ordem**. Em: Vidas Desperdiçadas. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 17-45.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- BONOMO, Mariana; BARBOSA, Paola Vargas; TRINDADE, Zeide Araújo. **Homens: gênero e identidade em grupos tradicionais, metrosssexuais e homossexuais no Brasil**. Revista Electrónica de Psicología Política, Argentina, vol. 6, n. 17, pp. 1-22, 2008.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso. 2014.
- BUTLER, J. **Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista**. In: CASE, S.- H. (Org.). *Performing feminisms: feminist critical theory and theatre*. Baltimore: Johns Hopkins, 1990. p. 296-314.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CONNEL, R. W. **Políticas da Masculinidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Rev. Educação e Realidade. 20(2): 185-206. Jul/Dez. 1995.

CONNEL, R. W. **An Iron Man: The Body and some Contradictions of Hegemonic Masculinity**." Messner, M. & Sabo, D. (Eds.). Sport, men and the gender order. Champaign, IL: Human Kinetics, Boo. Sage Journal. 1990.

CONNELL, R. W., & MESSERSCHMIDT, J. W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Revista Estudos Feministas, 21(1), 241-282. 2013.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. **Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero**. Cad. Pagu [online]. 2019, n.57

CRAMER, Luciana; PAULA NETO, Alcielis de; SILVA, Áurea Lucia. **A inserção do feminino no universo masculino: representações da educação superior**. Organ. Soc., Salvador, v. 9, n. 24, p. 25-37, Aug. 2002.

D'ABREU, L. C. F. **Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres**. Psicologia & Sociedade, 25(3), 592-601. 2013.

DA SILVA, José Remon Tavares. Masculinidade e violência: formação da identidade masculina e compreensão da violência praticada pelo homem. 18o REDOR. Anais do Evento. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife-PE. Novembro de 2014

DA SILVA, Sergio Gomes. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos**. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, vol. 20, no 3, pp. 8-15, Sept. e 2000.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Rev. Educar**, Curitiba, número 24, out.2004. pp. 213-225,

EHRENBERG, Alain. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida, SP: Ideias & Letras. 2010.

FREUD, Sigmund. Freud (1920-1923) **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. Freud (1901-1905) - **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. Freud (2011). **A negação**. In: Freud, S. O eu e o id, Autobiografia e outros textos (1923-1925) (P. C. Souza, Trad., Vol. 16, pp. 275-282). São Paulo: Companhia das Letras.(Trabalho original publicado em 1925)

FIOCRUZ. **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Fundação Oswaldo Cruz. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2017. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614>

FELTRIN, Rebeca Buzzo; COSTA, Janaina Oliveira Pamplona da; VELHO, Léa. **Mulheres sem fronteiras? Uma análise da participação das mulheres no Programa**

**Ciência sem Fronteiras da Unicamp: motivações, desafios e impactos na trajetória profissional.** Cad. Pagu, Campinas, n. 48, e164804, 2016

GEERTZ, C. **Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura.** Em: A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GOMES, Romeu. **A análise de dados em pesquisa qualitativa.** In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. MINAYO, Maria. (Org.) 21ª Edição. Ed. Vozes. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. Pp. 67-80.

GOMES, R. **Sexualidade masculina e saúde do homem: proposta para uma discussão.** Ciência & Saúde Coletiva, 8(3): 825-829, 2003.

GOMES et. al. **As arranhaduras da masculinidade: uma discussão sobre o toque retal como medida de prevenção do câncer prostático.** Rev. Ciência e Saúde Coletiva. 10 (1), 59-70, 2005.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade.** 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 1997/2006.

HANADA, Heloisa; D'OLIVEIRA, Ana Flávia Pires Lucas & SCHRAIBER, Lília Blima. (2010). Os psicólogos na rede de assistência a mulheres em situação de violência. **Revista Estudos Feministas**, v. 18, n. 1, p. 33.

KIMMEL, M. S. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998 <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino.** 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

LAURENTI, R.; MELLO JORGE, M. H. P. & GOTLIEB, S. L. D. **Perfil epidemiológico da morbi-mortalidade masculina.** Ciência & Saúde Coletiva, 10(1): 35-46, 2005

LOURO. G.L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Petrópolis – RJ: Vozes. 2014.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidade, Sexualidade e Estupro.** Dossiê Brasa 97 (1) Cadernos pagu (11) 1998: pp.231-273

MIGUEL, Luis Felipe e BIROLI, Flavia. **Feminismo e Política.** Edição 1ª São Paulo: Boitempo, 2014

MORI, V.D; GONZALEZ REY, F. (2011). **Reflexões sobre o social o individual na experiência do câncer.** Psicol. Soc. [online]. Vol.23. pp.99-108

\_\_\_\_\_. **A saúde como processo subjetivo: uma reflexão necessária.** Psicologia: teoria e prática, v. 14, n. 3, p. 140-152, 2012

NÚÑEZ, Facundo Ariel. **Performatividad en Judith Butler: Una introducción al concepto y sus fuentes.** Revista de Investigaciones en Filosofía. Numero 5. 2020. pp. 57-78 Disponible em: <https://revistas.unne.edu.ar/index.php/ach/article/view/4317>

OLIVEIRA et al. **Modos de subjetivação de mulheres negras: efeitos da discriminação racial.** Psicologia & Sociedade; 21 (2): 266-274, 2009.

OLIVEIRA-CRUZ, Walter Firmo. **Masculinidade, narcismo e sofrimento psíquico na contemporaneidade: ensaios.** Dissertação para obtenção do grau de Doutor. UNB,2014.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito.** In: ALMEIDA, Heloísa. B.; SZWAKO, José E. Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2009

ROSA, Márcia. Ser um homem segundo a tradição? **Fractal, Rev. Psicol.,** Rio de Janeiro , v. 20, n. 2, p. 437-445, Dec. 2008

SANTOS, A. M. C. C. **Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados.** *Ciência e Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1177-1182, 2009.

SCHRAIBER, Lília Blima, Gomes, Romeu, & Couto, Márcia Thereza. (2005). **Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva.** *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 7-17

SCHÜTZ; Jenerton Alan; JÚNIOR, Enaldo da Silva. **O tipo ideal weberiano: presença e representação em obras de Zygmunt Bauman.** *Revista Espaço Acadêmico.* n. 210. Novembro/2018.

SEGATO, Rita. **Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos.** Bernal, Universidad de Quilmes, 2003

SOUZA, E. R. **Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde.** *Rev. Ciência e Saúde Coletiva.* 13 (6)Ç 1975-1984, 2008

STÖCKL H et al. **The global prevalence of intimate partner homicide: a systematic review.** *Lancet.* 2013

SUÁREZ, C.I.G & ARROYAVE, J.O.R. **Masculinidades, hombres y cambios.** Bogotá: Diakonia. 2009.

TJSC. **BR tem 311 iniciativas que ajudam autores de violência doméstica a pensar sobre crimes.** 19 de Out. 2020, Acesso em: 20 de Out. 2020. Disponível em: <https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/brasil-tem-311-grupos-que-ajudam-autores-de-violencia-domestica-a-pensar-sobre-crimes?inheritRedirect=true>

VIGARELLO, Georges. (Org.). **História da virilidade:** A invenção da virilidade, da antiguidade às luzes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

VALADARES, G. **129 projetos, iniciativas e pessoas que trabalham com a transformação dos homens, no Brasil e no mundo.** Papo de Homem. Acesso em 10 Set. 2020 Disponível em: <https://papodehomem.com.br/transformacao-homens-masculinidades-projetos-iniciativas-pessoas/>

YIN, Robert K. **Case Study Research: Design and Methods.** London: SAGE, 1984.

WANG, M. L.; JABLONSKI, B. Magalhães. As identidades masculinas: limites e probabilidades. **Psicol Rev**, v. 12, n. 19, p. 54-65, 2006.

WELZER-LANG, Daniel. **A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, vol.9, n.2, pp.460-482, segundo semestre, 2001.

WINDMÖLLER, Naiara, ZANELLO, Valeska. **Depressão e masculinidades: uma revisão sistemática da literatura em periódicos brasileiros.** Psicologia em Estudo 2016, 21.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Global and regional estimates of violence against women: prevalence and health effects of intimate partner violence and non-partner sexual violence.** Geneva: World Health Organization; 2013

**National suicide prevention strategies: progress, examples and indicators** [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2018 [cited 2019 Nov 04]. 74 p. Available from: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/279765/9789241515016-eng.pdf?ua=1>

ZANELLO, Valeska. **Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para a Psicologia.** pp. 103-123. IN: ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge (Org.). Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2016. 175 p. Disponível em: <http://site.cfp.org.br/publicacoes/livros/page/2/>

ZANELLO, V. (2018). **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação.** Curitiba: Appris.

ZANELLO & GOMES. **Xingamentos masculinos: a falência da virilidade e da produtividade.** Caderno Espaço Feminino. N. 23, p. 265-80; 2010.



ZANELLO & SILVA. **Saúde mental, gênero e violência estrutural**. Revista Bioética. 20 (2), p. 267-79. 2012.

ZANELLO, Valeska; FIUZA, Gabriela; COSTA, Humberto Soares. **Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 3, p. 238-246, 2015.

## **ANEXO I**

### **ROTEIRO DA ENTREVISTA**

O que é ser homem para você?

Por que, quando e como você entrou em um grupo de homens?

Como funciona o(s) grupo(s) que você coordena e participa hoje?

Quais aspectos positivos você analisa na sua vida em relação a participação no(s) grupo(s) que você coordena e participa hoje?

O que é masculinidade tóxica para você?

O que é virilidade para você?

O que seria uma masculinidade saudável ou como seria viver aspectos mais saudáveis na sua vida como homem?

Você já foi vítima da masculinidade tóxica e da virilidade?

Você considera que já praticou atitudes oriundas da masculinidade tóxica e da virilidade?

## ANEXO II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida você pode procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília (61)3966-1200.

#### INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: A (re)construção de masculinidades em grupos de homens no distrito federal: uma análise a partir do diálogo entre a psicanálise e ciências sociais

Pesquisador Responsável: Luiz Alberto de Souza Junior

E-mail para contato: [luizalbertojunior@gmail.com](mailto:luizalbertojunior@gmail.com)

O objetivo dessa pesquisa é investigar os processos de construção social e psíquica dos modelos de masculinidade no mundo contemporâneo, procurando identificar, à luz da teoria psicanalítica e das ciências sociais, alguns dos processos de subjetivação e de sofrimento psíquico vinculados à experiência do masculino na atualidade em grupo de homens.

◆ O participante estará contribuindo para o conhecimento de saúde mental masculina, processos de subjetivação da masculinidade pós-moderna, aproximação entre psicanálise e ciências sociais.

◆ Será proposta uma conversação individual, gravada, respeitado o anonimato. Os pesquisadores asseguram a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização do sujeito participante da pesquisa. O voluntário possui a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento da pesquisa, sem qualquer tipo de prejuízo para o voluntário.

◆ Nesta pesquisa não há remuneração e nem custos para os participantes.

◆ Nome e Assinatura do pesquisador \_\_\_\_\_

### **CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG/ CPF/ n.º de prontuário/ n.º de matrícula \_\_\_\_\_, abaixo assinado, concordo em participar do estudo \_\_\_\_\_, como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador \_\_\_\_\_ sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Local e data \_\_\_\_\_

Nome e Assinatura: \_\_\_\_\_